

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

POLLYANA STEFANINI COSTA

**ANÁLISE PEDAGÓGICA DO
ENSINO DO VOLEIBOL FORMAL
E NÃO-FORMAL**

Campinas
2007

POLLYANA STEFANINI COSTA

**ANÁLISE PEDAGÓGICA DO
ENSINO DO VOLEIBOL FORMAL
E NÃO-FORMAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Marcelo Belem Silveira Lopes

Campinas
2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP**

C823p Costa, Pollyana Stefanini.
Análise pedagógica do ensino do voleibol formal e não-formal /
Pollyana Stefanini Costa. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.

Orientador(a): Marcelo Belém Silveira Lopes.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação Física escolar. 2. Voleibol. 3. Escola. 4.
Desenvolvimento. I. Lopes, Marcelo Belém Silveira. II. Universidade
Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

asm/fef

POLLYANA STEFANINI COSTA

**ANÁLISE PEDAGÓGICA DO ENSINO DO
VOLEIBOL FORMAL E NÃO-FORMAL**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Pollyana Stefanini Costa e aprovado pela Comissão julgadora em: 28/11/2007.

Marcelo Belém Silveira Lopes
Orientador

Roberto Rodrigues Paes

Campinas
2007

Dedicatória

*Dedico este trabalho aos meus pais, Jonatas e Maria Inês e à
minha irmã, Pérolla*

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me abençoou, me orientou, me instruiu e me deu suporte em todos esses anos da faculdade. Agradeço-O por ter colocado em meu caminho pessoas especiais e por ter me presenteado com tantas coisas boas. Sem Ele eu não teria chegado aonde cheguei, por isso sou imensamente grata pelo Seu amor.

Agradeço também à minha família, meu pai Jonatas, minha mãe Marinês e minha irmã Pérolla, que me agüentaram durante todos esses anos de estudo, desde a época de colégio. Digo “agüentaram” porque só eles sabem o quanto eu sofria diante das dificuldades a serem ultrapassadas. Eles me deram a força e o apoio que eu precisei, na escolha da minha profissão, no sofrimento da época do vestibular, em todos os anos da faculdade e na correria dos dias anteriores à apresentação dessa monografia. Também sou eternamente grata a eles e a tudo que eles representam pra mim.

Depois deles, que me apoiaram e me sustentaram durante todo esse tempo, agradeço ao cardume, minhas queridas amigas Cristiane, Karina e Natália, que desde o primeiro ano da faculdade se tornaram minhas grandes companheiras e tudo o que eu vivi durante esses quatro anos foi compartilhado com elas. Hoje, sinto que as conheço desde que nasci. Agradeço a Deus por tê-las colocado em minha vida.

Agradeço à minha prima Dédi, que me ajudou de maneira mais concreta nesse trabalho e que tem sua pequena contribuição nessa monografia, mas que foi de grande importância.

Não posso me esquecer de todos os amigos que fiz na faculdade, com os quais vivi momentos incríveis e inesquecíveis. Cada um contribuiu de alguma forma para minha formação como pessoa e por isso têm um lugar especial no meu coração que será guardado pra sempre.

Ao prof. Marcelo, que me ajudou a concretizar esse trabalho, me ajudando e me recebendo em sua sala muitas vezes sem avisar e ao prof. Robertão, que aceitou fazer parte desse trabalho, meus agradecimentos.

E aos demais professores, com os quais aprendi quase tudo do que hoje eu sei sobre minha profissão.

Obrigada a todos!

COSTA, Pollyana. **Análise Pedagógica do Ensino do Voleibol Formal e Não-Formal**. 2007. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujo objetivo é analisar e discutir as formas metodológicas propostas por diversos autores para o processo de ensino-aprendizagem do voleibol em Escolas de Esportes e na Educação Física escolar. Sabemos que os objetivos dessas duas instituições ao ensinar o voleibol são diferentes, entretanto não foi o que encontramos em nossa pesquisa bibliográfica. Os autores que escrevem sobre o assunto, na maioria das vezes se referem a uma mesma forma de ensino para qualquer instituição que ensine o esporte, além disso, muitas vezes não há ao menos a diferenciação de faixa etária, ou seja, muitos autores não separam suas aulas de acordo com as fases de desenvolvimento da criança. A Educação Física escolar precisa manter principalmente seus valores educativos e pedagógicos. Por ela tratar de diversos conteúdos além do esporte, o projeto pedagógico deveria ser desenvolvido a fim de abranger todos eles e não como conteúdos isolados. A Educação Física escolar não deve se submeter aos mesmos códigos de uma instituição esportiva. A escola de esportes, por sua vez, recebe alunos que têm o objetivo de aprender e se especializar na modalidade escolhida, portanto, o voleibol deve ser trabalhado de forma mais específica. Porém, as fases de desenvolvimento também devem ser respeitadas. O professor precisa conhecer as especificidades de cada faixa etária e de cada aluno, para poder desenvolver seu trabalho. Lembrando sempre que se trata de iniciação e não de treinamento. Atualmente, principalmente nas escolinhas de esportes, o voleibol tem sido ensinado de forma técnica, esportivizada, através de exercícios analíticos, o que se torna desmotivante para os alunos, principalmente nas faixas etárias menores, em que as crianças precisam brincar e sentir prazer, para que não ocorra desistências da prática do esporte. A formação de um atleta deve ser consequência de um bom trabalho pedagógico, cujo objetivo deve ser o prazer pela prática e a atividade educativa como um fim de desenvolvimento integral da criança, cuidando para que não haja uma especialização precoce.

Palavras-Chaves: Voleibol; Iniciação; Educação Física Escolar; Escola de Esportes; Fase de Desenvolvimento

COSTA, Pollyana. **Analysis of Pedagogical Education's Volleyball formal and non-formal.** 2007. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ABSTRACT

This study objective is to analyze and discuss volleyball teaching-learning process methods in Sports Schools and Physical Education in Regular Schools that appear in the specialized literature, through a bibliographic research. It is known that those two institutions have different goals when teaching volleyball, though this fact was not detected in the bibliographic research. Authors refer to any institution that teaches volleyball the same way; besides, they do not even classify different methods by age, which means that authors don't plan their lessons according to each development stages of children. Physical Education in Regular School must keep its educative and pedagogic values. Because of its many contents beyond sports, the lessons programs must involve all of them at a time and not each one separately. Physical Education in Regular School should not commit to the same mission Specialized Sports Schools do, for their students intend to learn particular skills of the particular sport that school offers. However, development stages must be considered. Physical Educators must be aware of each age and student specificities so they can build up an efficient work with them and always remember that those lessons are only an initiation phase in sport and not a specific training program. Pedagogic programs in Sports Schools can be frustrating for children because classes are too focused in technical movements; children need to play and feel pleasure so they won't give up on physical exercises. The athlete development must be a result of a good pedagogic work which objective is satisfaction and pleasure in practicing sports and that child's full development becomes the purpose of Physical Educational Process, watching for no early sport specialization.

Keywords: Volleyball; Initiation; Physical Education In Regular School; Sport School; Development Stages.

SUMÁRIO

1- Introdução	09
2 - Objetivos	12
2.1 - Problema	12
2.2 - Justificativa	13
2.3 – Metodologia	13
3 – Revisão de Literatura	
3.1 - História do Voleibol	15
3.1.1 - Voleibol no Brasil	17
3.2 - Fases do desenvolvimento motor	19
3.3 - Iniciação ao Voleibol	23
3.4 - Educação Física Escolar	
3.4.1 - Histórico	27
3.4.2 - Educação Física Atual	30
3.4.3 - Métodos de Ensino	32
3.5 - Escola de Esportes	42
3.5.1 - Métodos de Ensino	47
3.6 - A Questão da Competição	55
5 - Considerações Finais	61
Referências Bibliográficas	65

1- INTRODUÇÃO

O voleibol é, em sua essência, uma modalidade esportiva que surgiu de forma recreativa, em 1895, quando o professor William G. Morgan, da Associação Cristã de Moços (ACM) de Holyok, em Massachussets, decidiu criar um jogo que pudesse ser praticado pelas pessoas mais velhas, já que na época o esporte em evidência era o basquetebol, considerado muito corrido e cansativo para as pessoas de mais idade.

No início, foi colocada uma rede como a de tênis numa altura mais alta e o objetivo era passar a bola com a mão por cima da rede sem deixá-la cair no chão. Porém, com o tempo foram sendo colocadas novas regras devido aos novos desafios encontrados e as intenções das pessoas que praticavam. Foi surgindo, por exemplo, a necessidade de fazer a bola cair no chão adversário e não apenas passá-la para o outro lado. Com isso, a prática foi ganhando a mesma conotação dos demais esportes, cuja intenção é a vitória e não a diversão.

O esporte foi sendo difundido, adquirindo novas regras, novos desafios, novas técnicas e hoje é um dos esportes mais destacado pela mídia. Porém, tem o significado diferente do que tinha em sua gênese.

Atualmente, o espírito competitivo predomina em qualquer tipo de prática esportiva, gerando uma vontade de ganhar e em contrapartida uma decepção em quem perde. Esse espírito muitas vezes atrapalha a vivência corporal, a prática de atividades lúdicas e até o prazer causado por uma atividade. Uma atividade que poderia ter uma finalidade em si mesma e gerar satisfação ao praticante, passa a ter a finalidade única de competição e pode desmotivar aquele que sempre perde ou que não sabe jogar da forma tecnicamente correta ou esperada.

As pesquisas e obras sobre o voleibol abordam prioritariamente aspectos que tratam dos fundamentos específicos, das técnicas e táticas adequadas, visando o alto rendimento, a formação de um super-atleta, que provoca, como já foi dito, a diminuição da motivação da criança em praticar o esporte. Essa visão acaba gerando pedagogias inadequadas de se ensinar um esporte, podendo causar problemas para a formação da criança com uma especialização precoce.

Minha vida no voleibol começou aos nove anos, quando minha mãe decidiu me colocar numa “escolinha”, devido ao gosto dela pelo esporte e pela vontade que ela sempre teve de ser jogadora. Meu primeiro contato com uma bola de vôlei foi aprendendo dar toque,

realizando-o em direção ao chão para aprender a posição correta da mão e como a bola deve encaixar-se na mão. Ou seja, não tive nenhuma experiência lúdica, de jogo, de brincadeira, o que seria mais adequado para uma criança de nove anos.

Com o passar do tempo, fui adquirindo as habilidades e aprendi rapidamente os movimentos técnicos e pude realizar alguns exercícios com os alunos mais velhos. Entretanto, rapidamente fui perdendo a vontade de ir para a escolinha, pois por eu ser a aluna mais nova da minha turma, a professora me colocava no meio de uma quadra com os alunos mais velhos, que não me deixavam pegar na bola para “não machucar a pequenininha”. Continuei a freqüentar as aulas por insistência da minha mãe, que queria que eu aprendesse a jogar voleibol. No decorrer de toda minha vida esportiva dentro do voleibol cheguei a sentir muitas dores e o que eu ouvia era: “Atleta tem que agüentar a dor”. Apesar da dificuldade inicial, me apaixonei pelo esporte e continuei jogando até os 18 anos.

Situações como essas me fizeram sentir a necessidade de pesquisar maneiras de fazer com que, tanto na escola formal como na escola não-formal, o ensino seja feito de forma lúdica, para que possa despertar nos alunos o gosto pelo jogo de voleibol e não apenas a vontade de ser um atleta profissional, pois esses serão poucos.

Procedimentos pedagógicos que visam à formação de um atleta geralmente são realizados de forma inadequada, não respeitando as fases do desenvolvimento motor da criança, visto que seu objetivo é alcançar resultados rapidamente. Isso pode funcionar em curto prazo, mas de acordo com Weineck (1991), podem gerar posteriores prejuízos motores e emocionais no aluno, fazendo-os desistir da prática esportiva. Por isso, vemos como mais importante, a fase de iniciação para o processo educacional e aprendizagem do esporte. Uma iniciação que priorize o desenvolvimento integral da criança e principalmente, desperte a vontade do aluno em praticar esporte.

Entretanto, não somos contra o ensino das habilidades técnicas específicas do voleibol, nem contra o aspecto competitivo do esporte. Trataremos esses aspectos nesse estudo, porém, nossa intenção é colocá-los na ordem certa, para que não prejudique a criança. Defendemos um trabalho a partir dos jogos lúdicos, juntamente com o desenvolvimento das habilidades básicas, para que o iniciante tenha uma maior variedade de movimentos; para enfim ensinar as habilidades específicas do voleibol e a competição com jogos pré-desportivos e o voleibol propriamente dito.

Não pretendemos nesse estudo criticar ou defender as metodologias propostas pelos autores que iremos abordar. Iremos expor e defender as idéias que nós acreditamos ser adequadas e em seguida expor as idéias dos autores e discutir e dialogar com eles, usando-os como referência.

2- OBJETIVOS

Analisar a metodologia de ensino do voleibol na Educação Física Escolar e na Escola de Esporte, proposta por alguns autores, verificando os aspectos positivos e negativos de ambos e tentando diferenciá-las. Sugerir idéias de procedimentos pedagógicos coerentes para o ensino do voleibol de forma a despertar o interesse pelo jogo em alunos de iniciação.

Identificar por meio de pesquisa bibliográfica, as metodologias existentes e praticadas no Brasil, visando o ensino do voleibol, bem como a predominância de faixa etária, na qual esta prática ocorre.

2.1- PROBLEMA

Ao buscar referências sobre o ensino do voleibol, verificamos que os estudos e pesquisas sobre o assunto apresentam uma predominância de obras voltadas para o treinamento e para o alto rendimento. Entendemos como importante o ensino de técnicas específicas, mas há uma preocupação com o desempenho ideal, que visa à formação de um atleta, prática esta embora importante e necessária, é conflitante com o interesse e motivação de crianças e pré-adolescentes, os quais ainda não apresentam estrutura física e formação psicológica para acompanharem treinamentos ou práticas mais sistematizadas, como as exigidas pelo esporte de alto rendimento. Assim, esta orientação pode provocar a diminuição da motivação da criança em praticar determinada modalidade esportiva, justamente por sua baixa resistência ao esforço, stress e fracasso.

Muitas vezes o ensino do voleibol nas aulas de Educação Física Escolar não desperta o interesse dos alunos para sua prática, talvez por ser feito de forma inadequada, sem respeitar o processo de crescimento e de maturação e as fases de desenvolvimento da criança, devido à preocupação em formar atletas, causando certa confusão entre iniciação e especialização esportiva precoce. O professor de Educação Física tem o papel de incentivar seus alunos para a

prática esportiva, de forma que eles continuem vivenciando os mais variados esportes fora da escola e até a fase adulta. Mas consideramos também importante o papel do professor de Educação Física de incentivar a prática de uma modalidade específica com a qual o aluno se identifique mais, indicando a escolinha de esportes.

2.2- JUSTIFICATIVA

Diante desse problema levantado neste estudo, reveste-se de suma importância a discussão da etapa de iniciação esportiva, o qual é considerado como um processo educacional, uma vez que esta prática pedagógica pode ser desenvolvida no âmbito da escola formal, por intermédio das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental e Médio e da escola não-formal, por intermédio da Escola de Esportes, na qual o aluno inicia o aprendizado de um determinado esporte, é especializado e poderá ser treinado posteriormente.

Sentimos a necessidade de identificação de propostas pedagógicas claras e alicerçadas cientificamente para os programas de iniciação esportiva. Propostas que adotem como procedimento pedagógico a aquisição das habilidades básicas, realizadas e aperfeiçoadas de forma lúdica, considerando o jogo como uma prática prazerosa e não como obrigação e com rígidos objetivos a serem atingidos. Tendo a clareza de que estes programas de iniciação devem preceder o desenvolvimento e o aprimoramento das habilidades específicas do esporte, respeitando-se com isto o processo e as fases do desenvolvimento motor da criança e priorizando seu desenvolvimento integral e sua formação enquanto pessoa.

Além disso, como já foi dito, existem poucos estudos sobre a iniciação do voleibol, devido à ênfase que se dá atualmente ao treinamento de alto rendimento, tornando a discussão sobre esse assunto ainda mais relevante.

2.3 - METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo é definida como pesquisa bibliográfica, a qual, segundo Macedo (1994), é caracterizada como

A busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa (livros, verbetes de enciclopédia, artigos de revistas, trabalhos de congressos, teses etc.) e o respectivo fichamento das referências para que sejam posteriormente utilizadas (na identificação do material referenciado ou na bibliografia final). (MACEDO, 1994, p.13)

A pesquisa bibliográfica apresenta os seguintes passos: a) definição das fontes de consulta (bibliotecas, livros, teses, dissertações, monografias, artigos de periódicos, sites e outros), b) coleta do material, c) leitura e seleção dos textos, d) fichamento, e) análise crítica sobre o conteúdo encontrado e selecionado como o mais relevante.

3- REVISÃO DE LITERATURA

3.1- HISTÓRIA DO VOLEIBOL

Em 1895, quatro anos depois da criação do basquetebol, este já era um esporte de grande destaque nos Estados Unidos, devido a sua rápida difusão. Porém, era um esporte bastante cansativo, por ser um jogo de alta intensidade, no qual é necessário correr o tempo todo, o que exigia um grande entusiasmo e preparação física, portanto, indicado para pessoas jovens, excluindo as de mais idade ou com menos vigor físico. Por isso, Lawrence Rinder, pastor na Associação Cristã de Moços (ACM), na cidade de Holyoke, em Massachusetts (EUA), sugeriu a criação de um esporte que fosse menos fatigante e que pudesse ser praticado pelos associados mais velhos da Associação.

Como foi dito na introdução, William G. Morgan, na época, diretor de educação física da ACM, onde dava aulas ao grupo de senhores, idealizou um esporte que continha essas características e o denominou a princípio de mintonette, que veio a ser um dos mais conhecidos esportes do mundo: o voleibol.

Ele colocou uma rede semelhante à de tênis, a uma altura de 1,98m, sobre a qual os participantes jogavam uma bola de basquete. Como a bola era muito pesada e rígida, podendo machucar as mãos e os pulsos dos jogadores, ele achou melhor retirar o couro da bola e jogar apenas com sua câmara de ar e mais tarde, Morgan solicitou à firma A.G. Spalding & Brothers a fabricação de uma bola própria para o jogo de vôlei.

O esporte se tornou conhecido na cidade de Holyoke, até que um ano mais tarde, duas equipes da cidade fizeram uma demonstração em uma conferência para professores e diretores de educação física na Springfield's College; e o jogo começou a ser divulgado em outras cidades próximas e foi se popularizando. O nome foi trocado, de mintonette para volleyball, por sugestão do professor A. T. Halstedt, devido ao fato de a bola ser jogada sobre a rede, de um lado para o outro, com as mãos através de voleios.

Como podemos ver, o jogo de voleibol foi criado com uma característica lúdica, para um número grande de pessoas de mais idade, na associação cristã, que necessitavam

de alguma forma de recreação e descontração, para momentos livres, de integração entre os associados e que pudesse ser desenvolvida em ambientes fechados (durante o rigoroso inverno). Esse jogo deveria respeitar as limitações individuais dos participantes e motivá-los para sua prática.

A princípio, o único problema para os jogadores era o de não deixar a bola cair no chão; colocou-se uma rede separando os grupos para evitar os contatos físicos; era permitido qualquer número de participantes, que rebatiam a bola com as mãos, de um lado para o outro da rede.

Entretanto, conforme o esporte era praticado, surgiam alguns problemas para os jogadores e com eles, a necessidade de sua regulamentação. Os participantes percebiam, por exemplo, que eles precisavam descobrir táticas para não deixar a bola cair do seu lado e para fazê-la cair no campo adversário. As normas foram sendo criadas a partir das propostas dos próprios participantes e foram sendo adaptadas conforme surgiam novas necessidades. As novas regras foram sendo cada vez mais rígidas, criando dificuldades para se jogar, afastando o jogo de seu objetivo original e de sua identidade informal e retirando o prazer que proporcionava aos indivíduos.

O primeiro regulamento foi impresso em 1896, pela revista *Physical Education*, no artigo “O Esporte Original do Voleibol”, de J. Y. Cameron, diretor da Y.M.C.A., de Búfalo, New York. Nele continha, além das regras, as características e a descrição do jogo.

Essa regulamentação gerou uma necessidade de se “fazer certo”, ou melhor, em “não fazer errado”. Os indivíduos passaram a se preocupar com as técnicas, com as regras, para que não fossem punidos e pudessem vencer o jogo. Essa nova concepção do jogo supervalorizou a competição. Essa é a visão que temos hoje sobre os esportes em geral. As pessoas se preocupam com o alto rendimento, com o desempenho, com a vitória e se esquecem do prazer que é participar de um jogo informal, de um jogo recreativo, no qual ninguém precisa fazer somente o certo, pois não é necessário ganhar.

Essa concepção foi transferida para as escolas formais e não-formais que ensinam o voleibol. Os professores valorizam o aprendizado das técnicas adequadas, esquecendo-se dos valores educacionais que envolvem o esporte. Pretendemos conscientizá-los de que essa não é a maneira mais correta de ensinar o voleibol.

3.1.1 - O VOLEIBOL NO BRASIL

O crescimento do voleibol atingiu rapidamente uma esfera global e passou a se popularizar em diversos países. O primeiro país no qual o esporte chegou depois dos EUA foi Canadá, em 1900; depois chegou à China, ao Japão, no México; o primeiro da América Latina foi Peru, em 1910; e foi introduzido no Brasil por volta de 1916-1917, pela ACM de São Paulo.

No início, sua prática se restringia a algumas entidades, não sendo tão difundido. O Fluminense Futebol clube deu um empurro inicial através do torneio de clubes filiados à Liga Metropolitana de Desportos Terrestre. Em 1924, aconteceram alguns torneios no Rio de Janeiro e foram sendo conduzidos até 1938, quando foi fundada a Liga de Voleibol do Rio de Janeiro, que mais tarde se tornou a Federação Carioca de Voleibol. Essa federação realizou, em 1939, o primeiro campeonato oficial da cidade.

Embora tenha surgido na ACM e praticado, no início, em pequenas entidades, podemos perceber que desde seu surgimento no Brasil, o voleibol já era um esporte de competição, devido à influência dos demais países que divulgaram o esporte através dos diversos campeonatos. Mesmo dentro dos clubes, a divulgação foi feita através de torneios internos, até crescer e atingir os grandes campeonatos.

Em 1942, foi fundada a Federação de São Paulo e dos outros Estados e em 1944 aconteceu o primeiro campeonato entre Estados, no qual foi campeã a equipe de Minas Gerais.

Em 1951, aconteceu o primeiro campeonato sul-americano, patrocinado pela Confederação Brasileira de Desportos, no ginásio do Fluminense, no qual o Brasil foi campeão masculino e feminino. A partir daí, o voleibol no Brasil só cresceu.

Em 1954 foi criada a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), a qual foi apontada pela Federação Internacional de Voleibol como a "mais bem-sucedida Federação do mundo".

Hoje, o voleibol brasileiro, tanto masculino como feminino são apontados como grandes potências no esporte mundial, apresentando inúmeras conquistas em diversos campeonatos, como podemos ver no site oficial da CBV. O masculino coleciona títulos como: medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (84); medalhas de ouro em Barcelona/92,

no Campeonato Mundial (02) e na Copa do Mundo (03); bronze na Copa do Mundo (81 e 95); campeão da Copa dos Campeões (97) e vice- na mesma competição (93/01); tetracampeão da Liga Mundial (93/01/03/04), vice em (95/02) e medalha de bronze em 90/94/99/00. Em 82, foi vice-campeão mundial. Na Copa América, o Brasil foi campeão em 98/99/01 e vice em 2000. Em Jogos Pan-Americanos, bicampeão (63/83), vice em 59/67/75/79/ 91/99; e bronze em 55/71/87/03. Nos Campeonatos Sul-Americanos as vitórias foram obtidas 24 vezes.

Enquanto o feminino também apresenta uma coleção de títulos, como: medalha de bronze nos Jogos Olímpicos (Atlanta/96 e Sidney/00) e tetracampeão do Grand Prix (94/96/98/04), prata (95 e 99) e bronze (2000). Em 94, foi vice no Campeonato Mundial. Obteve a prata na Copa do Mundo de 95 e ficou com o bronze em 99. Na BCV Cup conquistou o título em 95 e o vice-campeonato em 96. Em 2003, quando a competição já era denominada Montreux Volley Master, conquistou o bronze. Nos Jogos Pan-Americanos, o Brasil foi campeão em 59/63 e 99, vice em 91 e terceiro em 55 e 79. Campeão sul-americano 13 vezes e vice 11 vezes.

3.2 - FASES DO DESENVOLVIMENTO MOTOR

Nesse tópico, estaremos nos baseando na divisão de faixa etária proposta pela teoria desenvolvimentista, considerando como referências os autores Gallahue e Go Tani. E também na abordagem biológica do esporte proposta por Weineck.

De acordo com Weineck (1991, p.247), “o crescimento do corpo não ocorre de forma linear, mas em surtos”. Cada segmento corporal mostra uma intensidade diferente de crescimento nas diferentes idades. Com isso, cada período de desenvolvimento possui diferentes características no organismo e em suas proporções corporais e isso, segundo o autor, influencia o desempenho desportivo.

A abordagem de Tani (1988, p.61) enfatiza a importância das fases de desenvolvimento da criança no ensino de atividades físicas. De acordo com o autor, o “desenvolvimento é caracterizado por 3 fases importantes para a Educação Física: a pré-puberdade, a puberdade e a pós-puberdade”. Na pré-puberdade, o organismo se encontra biologicamente imaturo e a criança nessa fase está mais apta a desenvolver habilidades e capacidades perceptivo-motoras do que as capacidades físicas, portanto, a Educação Física deve enfatizar o desenvolvimento dessas capacidades.

Enquanto na puberdade, a atividade física regular pode prevenir enfermidades relacionadas à falta de atividade e ajuda no desenvolvimento das funções fisiológicas do organismo (GALLAHUE, OSMUN, 2003). Porém, cuidando para que não haja excessos.

Segundo Weineck (1991), na fase da puberdade, que nas meninas acontece geralmente entre os 11 e 13 anos e nos meninos entre 13 e 15 anos, ocorre uma velocidade de crescimento temporária, isso faz com que cada segmento do esqueleto sofra sua fase de maior desenvolvimento em diferentes momentos. Nessa fase, principalmente, a criança não pode ser submetida a quantidades de carga inadequadas, pois pode prejudicar esse desenvolvimento.

Além disso, há ainda a diferença entre a velocidade de desenvolvimento de indivíduo para indivíduo. Alguns têm desenvolvimento precoce e outros, tardio e conseqüentemente todas as fases de seu desenvolvimento corporal são adiantadas ou adiadas, respectivamente. Por isso, não se deve generalizar e tratar os alunos de maneira igual, submetendo-os às mesmas cargas.

Devido a esses fatores que podem ser prejudiciais, a teoria desenvolvimentista propõe que até a pós-puberdade não devem ser trabalhadas atividades muito intensas, que causam sobrecarga sobre o sistema ósteo-articular (que são menos resistentes à tensão, tração, pressão e torção), e pode causar lesões sobre as cartilagens de crescimento que ainda são frágeis e um dano pode ser irreparável, podendo gerar uma deficiência motora. Segundo Weineck (1991, p.249), quando uma criança é submetida a um alto nível de esforço pode ocorrer “uma predominância do metabolismo funcional às custas do estrutural, o que pode levar a um prejuízo dos processos de crescimento do organismo infantil, ou seja, uma diminuição da capacidade de suportar carga”

De acordo com Gallahue, Ozmun (2003), somente após a maturação sexual plena, os alunos são capazes de regular a intensidade da atividade muscular de acordo com as suas limitações. O autor afirma que ao haver sinais de cansaço, a atividade deve ser suspensa para que o aluno descanse, pois ele ultrapassou seus limites fisiológicos.

O professor tem que ter conhecimentos básicos a respeito das particularidades psicofísicas de cada faixa etária, pois, de acordo com Weineck (1991, p.254), “só estes conhecimentos possibilitam o emprego de estímulos ideais a cada idade e fase do desenvolvimento, que correspondam aos interesses e necessidades das crianças e adolescentes”.

Gallahue, Ozmun (2003) propõem um modelo de seqüência de programa de atividade na Educação Física, partindo do princípio que para se chegar ao domínio de habilidades desportivas, é necessário iniciar um longo processo a partir das habilidades básicas.

Para entendermos melhor essas fases de desenvolvimento, descreveremos os conceitos de habilidades básicas e habilidades específicas, segundo Tani (1988). As habilidades básicas são atividades voluntárias que permitem a locomoção e manipulação em diferentes situações; sua meta é geral. As habilidades específicas são as atividades motoras voluntárias mais complexas e com objetivos específicos, o autor cita a cortada do voleibol, o chute do futebol, que são movimentos aprendidos culturalmente.

Gallahue, Ozmun (2003) ainda afirmam que dos 4 aos 7 anos de idade - que segundo Weineck (1991) é a “idade pré-escolar” - a criança realiza movimentos fundamentais, as habilidades básicas: correr, saltar, arremessar, receber, rebater, quicar, chutar; realiza ainda movimentos reflexos e os primeiros movimentos voluntários, que o autor denomina de “movimentos rudimentares”. Nessa faixa etária, o desenvolvimento motor se caracteriza pela aquisição, estabilização e diversificação das habilidades básicas.

Com o passar do tempo, as habilidades vão se refinando e se tornando mais eficientes em sua combinação, o que marca a passagem para a fase seguinte dos movimentos relacionados ao desporto, na qual os movimentos adquiridos anteriormente servem de base para as combinações em habilidades desportivas, por isso os movimentos fundamentais são tão importantes (desenvolvimento hierárquico). Há uma necessidade de trabalhar de forma eficiente, na Educação Física, a aquisição das habilidades básicas, para que não haja dificuldade em adquirir as habilidades específicas posteriormente. (TANI, 1988).

A faixa dos 6 aos 10 anos, a qual Weineck (1991) chama de “primeira infância escolar”, é a fase em que há o maior número de matrículas em instituições esportivas. A capacidade das crianças de aprender novas habilidades é maior, porém, a capacidade de fixar o novo movimento aprendido não é igualmente desenvolvida. Isso gera a necessidade de repetir suficientemente as novas aprendizagens, a fim de integrá-las de forma estável no repertório motor da criança.

Até a faixa dos 10 anos, as habilidades ainda estão sendo refinadas e suas combinações vão se tornando mais complexas.

A infância escolar tardia proposta por Weineck (1991), compreende dos 10 anos até a entrada da puberdade. É a fase em que as crianças já têm um maior domínio corporal, além de serem mais curiosas, interessadas em aprender, por isso as atividades devem ser lúdicas, para despertar esse interesse. Para este autor, esta fase é adequada para a aquisição das técnicas esportivas fundamentais, na forma grosseira e na fina. O professor deve cuidar especialmente para que o aluno não “automatize” movimentos errados.

Grecco, Benda (1998, p. 67) definem a fase dos 6 aos 12 anos como Fase Universal, afirmando que é a “fase mais ampla e rica dentro do processo de formação esportiva”.

Tani (1988) afirma que as crianças estão aptas para adquirir habilidades específicas dos 11 aos 13 anos - que é a “1ª Fase Puberal”, de acordo com Weineck (1991). Quando a criança entra na puberdade, o interesse pelo esporte diminui muito, sendo a fase de maior desistência no esporte. Portanto deve haver esforço redobrado do professor para manter os alunos interessados na aula. É a fase de estabilizar a capacidade coordenativa e melhorar as capacidades condicionadas.

O domínio das habilidades específicas, segundo Tani (1988), se dará por volta dos 14 anos, (“2ª Fase Puberal”, que vai até os 19 anos). De acordo com Weineck (1991) é a fase

em que ocorre melhora das capacidades coordenativas, que podem ser treinadas com máxima intensidade, juntamente com as capacidades condicionadas. Nessa fase há progressos na capacidade esportiva e melhoras elevadas do desempenho motor. Os adolescentes já estão aptos para absorver uma carga corporal-esportiva mais intensa. E deve ser aproveitada para o aperfeiçoamento das técnicas específicas e para a aquisição da condição específica da modalidade esportiva.

Como cada fase é estruturada com base na anterior, é necessário dar atenção especial a todas elas, para que nenhuma seja prejudicada.

Tani (1988) ainda aborda um aspecto importante para esse estudo. Ele afirma que, na Educação Física escolar para crianças de 10 a 12 anos, é comum a utilização somente das habilidades desportivas, enquanto há diversas outras maneiras de trabalhar as habilidades específicas, já que elas podem ser encontradas e requisitadas em todas as atividades do ser humano.

Ele não nega ser importante o desenvolvimento da aprendizagem desportiva, pois além de trabalhar as habilidades, o desporto é uma forma de patrimônio cultural da humanidade e um dos grandes objetivos da Educação é a transmissão cultural. Entretanto, ele considera importante analisar o que a criança realmente adquire ao ser submetida à aprendizagem dessas habilidades. A Educação Física não deve satisfazer-se apenas em saber que os alunos conseguiram, por exemplo, executar com eficiência um saque no voleibol. É preciso saber quais foram as mudanças internas qualitativas que possibilitaram a execução desse saque, ou seja, o importante é possibilitar o desenvolvimento de capacidades gerais do esporte através das habilidades específicas, como: antecipação, atenção seletiva, percepção, programação de ação, organização do movimento, detecção e correção do erro, mudança de ação (TANI, 1988, p.90), que serão úteis a todos as atividades e desportos que a criança poderá realizar.

Considerando o princípio do respeito às fases do desenvolvimento motor, concordamos com Suvorov, Grishin (1990, p.25), quando afirmam que “a finalidade fundamental da preparação desportiva das crianças e jovens é a aproximação gradativa da habilidade do desporto na idade mais apropriada para isto.” O desenvolvimento físico e mental desses jovens deve ser harmônico, com o intuito de preservar e fortalecer sua saúde e aumentar a resistência de seu organismo.

O processo de ensino deve ser sistemático, planejado a partir de uma fundamentação científica, levando em consideração as particularidades da idade do organismo em crescimento, conforme afirmam os autores. E para que o ensino seja eficaz, é preciso escolher a metodologia adequada e a melhor maneira de aplicá-la, o que discutiremos posteriormente.

A partir dessas reflexões discutiremos a respeito da iniciação ao voleibol.

3.3 - INICIAÇÃO AO VOLEIBOL

Os livros que tratam da iniciação ao voleibol geralmente estão escritos como manuais prontos, que professores e técnicos deveriam seguir para obter bons resultados em seu trabalho. Acreditamos que um processo educativo é particular, individual, varia de indivíduo para indivíduo e, portanto não pode haver um modelo acabado, que pode ser aplicado a qualquer pessoa. Cada aluno possui seu tempo de maturação, suas dificuldades e facilidades individuais. O que deve existir são propostas e sugestões a serem consultadas, mas os professores devem estar atentos para adequá-las corretamente aos seus alunos.

Greco, Benda (1998, p.64), afirmam que, em uma revisão de literatura, foi possível concluir que a maior parte dos autores que escrevem sobre iniciação esportiva divide as etapas do processo de ensino em três: principiante, avançado e alto nível. Porém, de acordo com os autores, essas fases “não são respeitadas ou não são consideradas na prática; o resultado é o fim e não um ‘meio pedagógico’ para corrigir e avaliar o processo de ensino-aprendizagem-treinamento, de desenvolvimento da forma esportiva”. Eles afirmam com propriedade que o termo “treinamento” ou processo de treinamento “não define, com precisão, o sentido mais amplo que este processo apresenta”. Por isso eles propõem a utilização do conceito *processo de ensino-aprendizagem-treinamento*, considerando que não existe treinamento sem a fase de ensino-aprendizagem.

Os mesmos autores afirmam que os professores ou treinadores geralmente justificam o trabalho de especialização precoce, afirmando que este é o meio de se atingir níveis de alto rendimento rapidamente.

O autor Teodorescu (1984) propõe uma metodologia geral para o ensino de jogos desportivos, pois ele acredita que há semelhanças entre as metodologias específicas de cada modalidade; para ele, todos constituem uma realidade objetiva, portanto é necessário explicar a sua essência e função como fenômeno cultural e como forma de manifestação e de prática do exercício físico e os traços comuns entre os jogos devem ser generalizados.

O autor cita elementos que são desenvolvidos em todos os jogos desportivos: destreza, que determina o aumento da capacidade de auto-condução e auto-regulação; velocidade de reação, de deslocamento e de execução; e resistência.

Esses elementos do esporte também contribuem para o desenvolvimento das habilidades básicas, que fazem parte de todos os jogos e modalidades específicas. Portanto, os jogos reduzidos devem adaptar as regras de ação do jogo, abrangendo a lógica dos jogos desportivos para que sejam úteis a todas as modalidades.

Compartilhamos da idéia de Piccolo (1999, p.9) que diz que para iniciar uma prática esportiva é preciso considerar os direitos da criança. “Ela precisa primeiramente brincar. Brincar de praticar esportes”. A autora afirma que “se as crianças aprenderem esporte brincando e, quando adultas treinarem sob concepção humana, talvez continuem a brincar no esporte por mais sério que ele possa parecer”.

Para elaborar procedimentos pedagógicos para o ensino do esporte, é necessário adequá-los à realidade que encontramos, com base nas experiências motoras que as crianças apresentam, vivenciadas anteriormente. E devemos criar caminhos viáveis para a aprendizagem de todos, com base nas respostas delas ao nosso trabalho, levando-se em conta todos os aspectos tratados até aqui.

Considerando ainda como referência Piccolo (1999), devemos ensinar o aluno a executar determinadas habilidades por meio da descoberta do prazer de se exercitar, conscientizá-lo de suas capacidades e limitações e mostrar diferentes maneiras de aprender o movimento, através da ludicidade. O prazer, a alegria em buscar seu máximo pode levar o aluno ao sucesso de suas ações. Se o professor não for capaz de encontrar o meio adequado de ensinar o esporte aos seus alunos, considerando as questões pedagógicas e identificando as necessidades, as particularidades de cada aluno e de cada turma, o aluno poderá se sentir desmotivado a aprendê-lo.

O ensino do voleibol não deve ser a cópia de métodos de treinamento de grandes equipes, mas deve considerar as ações desenvolvidas em cada experiência, em cada local e com as diferentes turmas. A iniciação ao voleibol não deve priorizar a repetição dos gestos técnicos, pois não é a excessiva repetição dos fundamentos que fará o aluno aprender. O que a autora propõe é uma aproximação do ensino com o desenvolvimento do jogo de voleibol privilegiando a aprendizagem pela compreensão do jogo e não a simples repetição que não serve para resolver um problema criado num jogo. A ênfase desta proposta está na ação de *jogar para aprender e não aprender para jogar*.

Na fase de aprendizagem não é preciso ter grandes habilidades técnicas para poder jogar, já que adaptações podem ser feitas. Ao conhecer os objetivos do jogo, todos podem utilizar de adaptações para fazer o jogo possível de ser praticado, adequando-o a suas condições sem descaracterizá-lo.

Partimos do princípio que todas as pessoas já têm alguma experiência com o jogo de voleibol, seja com os amigos, no clube ou mesmo de assistir na televisão. Portanto, em primeiro lugar, o professor deve deixar seus alunos vivenciarem o jogo de voleibol sem interferir, deixando as regras a critério dos alunos. Isso fará com que os alunos sintam prazer em jogar.

Segundo Tani (1988), para crianças menores, é extremamente necessário que o ensino do esporte, seja feito juntamente com atividades que desenvolvam as habilidades básicas, necessárias a qualquer tipo de esporte. Deve ser incluída nas atividades a aprendizagem de habilidades que propiciem saltar, arremessar, pular, receber, arremessar, manipular a bola, equilibrar, chutar, receber, rebater, para desenvolver o repertório motor. As atividades devem propiciar a participação efetiva de todas as crianças, assim como situações de prazer para todas elas. O professor deve estar atento para interferir nas situações que possibilitem a apreensão de valores éticos, de cooperação, de espírito esportivo e o respeito ao adversário e devem encorajar as crianças a resolver os problemas decorrentes das atividades. E, com o passar do tempo, quando essas habilidades forem sendo adquiridas, deve ser incluído o conhecimento das regras básicas da modalidade e da mecânica do jogo, através de jogos reduzidos, em quadras menores, com maior número de jogadores, de acordo com as capacidades dos alunos.

Conforme os alunos vão adquirindo o domínio das habilidades básicas, eles já carregam uma bagagem motora necessária para a realização de gestos específicos do voleibol de

maneira mais dinâmica e fluente. Os jogos podem, então, ser realizados com maiores quantidades de fundamentos, aproximando-se mais de situações reais do jogo.

A partir dessa fase, podemos caracterizar o jogo de voleibol e ensinar as regras do jogo real. O voleibol possui seis fundamentos (saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio e defesa), um número determinado de ações, há um rodízio obrigatório, o jogo é seqüenciado (GRECO, BENDA, 1998).

Em minhas experiências de estágio, tanto em escolinhas de vôlei como em time de alto rendimento, pude perceber que os alunos não gostam de realizar toque e manchete na parede e quando isso é solicitado pelo professor, os alunos demonstram má vontade para realizar o exercício. Por isso, como já foi dito, consideramos que a maneira mais interessante de ensinar os fundamentos é através de jogos e brincadeiras, de forma prazerosa e não de forma automática, com a intenção de fazer o aluno tornar o movimento mecânico, pois isto pode ser extremamente desmotivante para o aluno.

A partir do momento em que os alunos estiverem com os fundamentos consolidados, eles já estarão aptos a jogar o voleibol com todas suas características reais.

3.4- EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

3.4.1- HISTÓRICO

De acordo com Soares et al. (1992, p.50),

[...] a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que se configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal.

Uma prática pedagógica surge de necessidades sociais concretas existentes nos diferentes momentos históricos. A partir do séc. XIX, o capitalismo passou a ser construído e consolidado na sociedade e nele os exercícios físicos tomaram papel destacado, pois nessa nova sociedade tornou-se necessário construir um novo homem mais ágil, mais empreendedor, segundo os mesmos autores.

A partir desse momento, as práticas pedagógicas e a Educação Física passaram a ser repensadas, os exercícios físicos foram incluídos nos currículos escolares. “A educação física ministrada na escola começou a ser vista como importante instrumento de aprimoramento físico dos indivíduos” (SOARES et al., 1992, p. 52).

Enfim, de acordo com este livro, a função da Educação Física na escola passa a ser a de desenvolver e fortalecer os indivíduos física e moralmente e a desenvolver suas aptidões físicas. Ela se torna, portanto, uma prática militarista e era inclusive ministrada por instrutores formados pelas instituições militares.

Após a Segunda Guerra Mundial surgem outras tendências que pretendem se tornar base da instituição escolar. A tendência predominante é a da influência do esporte na Educação Física escolar, que, segundo os mesmos autores, passa a se subordinar aos códigos da instituição esportiva se tornando um prolongamento desta. Esses códigos envolvem: “princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e records,

regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc.” (SOARES et al., 1992, p. 54).

Não pretendemos encontrar tais códigos na Educação Física escolar, pois esta deve manter principalmente seus valores educativos e pedagógicos. A nosso ver, ela não deve se submeter aos mesmos códigos de uma instituição esportiva. E mesmo uma instituição esportiva como a escolinha de esportes, não deveria seguir a todos os códigos citados acima, pois o sucesso no esporte, por exemplo, não deve ser considerado sinônimo de vitória.

Essa nova identidade esportiva da Educação Física, fortalecida pela pedagogia tecnicista, faz dos alunos meros receptores de informação, que reproduzem os movimentos ensinados pelo professor.

A partir da dec. de 70, a Educação Física passa por um novo processo de renovação. Entre os movimentos renovadores surgidos está o da Psicomotricidade, que segundo Darido (2003) é o primeiro movimento mais articulado que surge para contrapor os modelos anteriores. “Nele o envolvimento da Educação Física é com o desenvolvimento da criança, com o ato de aprender, com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores, ou seja, buscava garantir a formação integral do aluno” (DARIDO, 2003, p.13, apud SOARES, 1996).

De acordo com a autora, a partir dessa nova concepção, o professor de Educação Física passa a ter que se preocupar não apenas com os aspectos biológicos e de rendimento corporal, mas também com os conhecimentos de origem psicológica.

A psicomotricidade não se restringe somente à Educação Física, mas é também uma teoria geral do movimento, que de acordo com Soares et al. (1992), permite utilizá-lo como meio de formação.

A ação educativa objetivada pela psicomotricidade é expressa por Le Boulch (1976) como “a educação pelo movimento”, que deve ocorrer a partir dos movimentos espontâneos da criança e das atitudes corporais. O homem deve ser educado para se conhecer e se aceitar; para ajustar sua própria conduta; para criar uma autonomia e responsabilidade social. Só assim o homem poderá desenvolver-se para situar-se e agir no mundo.

No livro de Darido (2003), ela utiliza uma citação de Le Bouch (1976) sobre a educação psicomotora, que foi vista pelo decreto ministerial de 1969, na França, como necessária para uma educação de base na escola primária, pois

[...] ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares e escolares; leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilmente a coordenação dos gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde a mais tenra idade; conduzida com perseverança, permite prevenir inadaptações, difíceis de corrigir quando já estruturadas. (DARIDO, 2003, apud LE BOUCH, 1986, p.25).

A prioridade não é mais dada àquilo que se ensina, isto é, à técnica, às habilidades, ao movimento, mas sim ao que se aprende, aos conhecimentos embutidos nos conteúdos ensinados e cabe ao professor saber transferir esses conhecimentos aos alunos de forma adequada.

Darido (2003, p.14) afirma que

O discurso e prática da Educação Física sob influência da psicomotricidade conduz à necessidade do professor de Educação Física sentir-se um professor com responsabilidades escolares e pedagógicas. Busca desatrelar sua atuação na escola dos pressupostos da instituição desportiva, valorizando o processo de aprendizagem e não mais a execução de um gesto técnico isolado.

Nessa época, surgiu também o movimento humanista, que tinha como princípio filosófico o ser humano, sua identidade, seu valor, baseando-se nos limites e interesses do homem. Segundo Piccolo (1993, p.60), essa concepção humanista “permite o aluno ampliar suas limitações em todas as dimensões” e assim, a Educação Física pode alcançar o seu verdadeiro posicionamento na formação do indivíduo. Esta corrente confrontou a corrente comportamentalista, que defende a teoria de que o indivíduo aprende através do esquema estímulo-resposta, ou seja, o aluno não raciocina para realizar as atividades, ele apenas responde aos estímulos dados pelo professor. Dessa maneira, a nosso entender não há aprendizado, apenas mecanização do movimento.

A Educação Física deve objetivar a educação integral da criança, na qual o conteúdo não deve ser copiado ou reproduzido pelo aluno, mas deve “promover relações interpessoais e facilitar o desenvolvimento da natureza da criança” (SOARES et al., 1992, p.55).

Entretanto, percebemos que esses movimentos renovadores não são capazes de formular em si mesmo uma teoria que responda a todas as questões, todos os problemas enfrentados pela educação atual, principalmente no que diz respeito à prática. Durante o processo educativo, de qualquer espécie, surgem perguntas freqüentes, problemas que a teoria por si só não

é capaz de responder. Acreditamos, portanto, que não há uma única abordagem correta e que, para o professor, ao escolher sua prática pedagógica, é necessário juntar algumas abordagens existentes e fazer um apanhado do que pode ser aplicável de acordo com seus princípios, o que deve ser feito com coerência e embasamento, a partir de leituras e estudos.

3.4.2- EDUCAÇÃO FÍSICA ATUAL

A autora Piccolo (1993), apresenta em seu livro os resultados de uma pesquisa realizada junto a professores de Educação Física em escolas de primeiros e segundos graus, com o objetivo de repensar valores para a ação docente nessa área.

Dentre os resultados, Piccolo afirma que foi possível identificar que o professor de Educação Física mantém relações autoritárias e formais com os alunos; que as aulas têm sido sinônimo de cumprimento mecânico e rigoroso dos exercícios; que a educação física é considerada como um conteúdo acabado, ou seja, não está em processo de desenvolvimento; entre outras questões. Temos consciência de que isso não deveria ser verdade e nós, como profissionais, deveríamos buscar nos conscientizar de nosso verdadeiro papel na educação, para podermos conscientizar os outros de que a Educação Física é muito além disso.

Quando Santin (2003) discute sobre a legitimidade do espaço da Educação Física e do Esporte para o ser humano, ele levanta alguns pontos importantes para nossa análise do ensino do esporte na escola. Ele afirma que o homem é um ser que se move, porém

A mobilidade humana não pode ser vista apenas sob o ponto de vista da coordenação motora. O movimento humano ultrapassa os limites da simples motricidade ou das atividades mecânicas. O movimento humano não pode ser reduzido a deslocamentos físicos [...]. Mas é necessário vinculá-lo a todo seu modo de ser (SANTIN, 2003, p.102).

Os movimentos não podem ser padronizados, ritmados, pois a visão mecanicista reduz os movimentos do homem a simples atividades motoras, desprovidas de sentido humano. De acordo com o autor, a Educação Física só poderá atuar quando estiver liberta da visão mecânica do movimento.

Outro ponto que o autor discute e que consideramos importante ao tratar de iniciação de um esporte na Educação Física escolar diz respeito à ludicidade. Ele diz que o homem é um ser que brinca e é necessário recuperar o mundo lúdico ou o homo ludens fora dos esquemas do trabalho produtivo e da técnica, o homo faber. Brincar é a maneira de ser do homem e “a recuperação do esporte, fora dos grandes esquemas do rendimento, provavelmente só acontecerá com o reencontro da ludicidade” (SANTIN, 2003, p.111). O professor, mais do que saber técnicas e estratégias, precisa saber brincar e não deve assumir o papel de um treinador.

As pesquisas analisadas por Piccolo (1993) demonstraram que as aulas de Educação Física nas escolas têm sido estruturadas na prática esportiva com características de esporte competitivo, baseado nas leis rígidas do esporte de alto rendimento; sem a presença da cooperação e com prevalência do individualismo; um esporte que visa à vitória. Esses são fatores que, a nosso ver, não devem estar presentes nem na escolinha de esportes, quanto menos na Educação Física escolar, pois esta é uma forma de educar que não educa, não possibilita um questionamento, não forma um aluno crítico e consciente da realidade em que vive.

Um problema enfrentado por professores de Educação Física, de acordo os autores Borsari, Silva (1972) é a ausência da disciplina de Educação Física no ensino primário, pois impede o estabelecimento de uma base e da criação de uma bagagem motora pelos alunos.

O professor, portanto, deverá procurar desenvolver na criança que entra no ginásio, habilidade e condições físicas em que se fixará, dentro do possível, a base indispensável que deveria ser desenvolvida na escola primária. (BORSARI, SILVA, 1972, p.120).

Para esses autores, o desenvolvimento dessas condições físicas é indispensável para que haja um aperfeiçoamento no futuro, não só no esporte competição, mas também no aproveitamento recreativo das suas horas de lazer, por exemplo. Entretanto, é necessário considerar o esporte como um meio de educação e nunca como um fim. “Temos que utilizar o esporte, para orientar e formar o Homem, aproveitando tôdas as oportunidades que surgirem para Educar” (BORSARI, SILVA, 1972, p.121).

Como o esporte é uma prática social, um fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica, ele deve ser “analisado nos seus

variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte ‘da’ escola e não como o esporte ‘na’ escola.” (SOARES et al., 1992, p.70).

E, a partir da leitura do livro de Soares et al. (1992, p.61), sabemos que “a Educação Física é uma disciplina que trata pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal”. O conteúdo dessa disciplina é constituído de jogo, esporte, ginástica, dança, entre outras formas de atividades corporais. Segundo esses autores, esses conteúdos têm relação de interdependência com os grandes problemas sócio-políticos atuais, como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, preconceitos, velhice, entre outros. É necessário refletir sobre todos esses assuntos durante as aulas de Educação Física. Entretanto, como estamos falando sobre o voleibol, iremos tratar aqui somente do conteúdo *esporte*.

3.4.3- MÉTODOS DE ENSINO

Em nossa pesquisa bibliográfica não encontramos muitas referências que tratassem do método de ensino do voleibol na escola da forma que acreditamos ser adequada.

Bento (1987), apesar de intitular seu livro de “Voleibol na Escola”, trata o ensino do voleibol de maneira tecnicista, como uma cartilha a ser seguida por técnicos esportivos e por professores da Educação Formal, por isso optamos por discuti-lo dentro da metodologia de ensino em Escola de Esportes.

A obra de Borsari, Silva (1972), também será tratada dentro do ensino na Escola de Esportes, visto que eles propõem uma periodização para a iniciação esportiva dentro da Educação Física escolar, em que o ano letivo é dividido em fases, adotando uma modalidade esportiva durante o ano todo. “No caso específico do Voleibol, acreditamos que durante um ano, o Professor terá oportunidade de desenvolver um programa bem dosado, levando a criança a realmente ser iniciada no esporte” (BORSARI, SILVA, 1972, p.131).

Entendemos, em primeiro lugar, que essa maneira de organizar as aulas impede que os demais conteúdos da educação física sejam trabalhados durante o ano, limitando-se apenas a desenvolver as habilidades do esporte que está sendo trabalhado, sendo assim, elementos importantes para o desenvolvimento motor da criança podem ser negligenciados. Além disso, se

um ano todo é dedicado apenas ao voleibol, conseqüentemente, outros anos são dedicados a outros conteúdos, portanto, entendemos que dessa forma, as faixas etárias e as fases de desenvolvimento não estão sendo consideradas. Discutiremos essa obra mais adiante.

Soares et al. (1992) discutem como deve ser organizado o ensino do esporte na Educação Física. Segundo eles,

O programa deve abarcar desde os jogos que possuem regras implícitas até aqueles institucionalizados por regras específicas, sendo necessário que o ensino não se esgote nos gestos técnicos. Colocar um limite para o ensino dos gestos técnicos, contudo, não significa retirá-los das aulas de Educação Física na escola, pois acredita-se que, para dizer que o aluno possui “conhecimento” de determinados jogos que foram esportivizados, não é suficiente que ele domine os seus gestos técnicos. (SOARES et al., 1992, p.71).

Os professores de Educação Física escolar devem ter consciência de que seu trabalho deve ser um processo contínuo e prolongado. Diferentemente da escola de esportes, os resultados esportivos em relação ao desempenho não são cobrados e os resultados do trabalho não são imediatos, sendo assim, o que se espera com o ensino do esporte é o desenvolvimento de habilidades básicas e das habilidades específicas do voleibol de maneira e no tempo adequado, de forma que não prejudique o desenvolvimento integral do aluno. Além disso, também é esperado o desenvolvimento mental do aluno; a formação dos alunos como cidadãos e seres humanos; o desenvolvimento de uma consciência crítica-social, entre outras questões importantes para a educação.

É válido lembrar que, juntamente com o ensino do esporte, outros conteúdos são trabalhados nas aulas de Educação Física, tornando necessária a organização desses conteúdos ao longo do planejamento tem que ser feita de maneira adequada e sistematizada. Devem ser incluídas todas as formas de expressão corporal e as habilidades corporais – que, de acordo com Soares et al. (1992) envolve simultaneamente o domínio de conhecimento, de hábitos mentais e habilidades técnicas – para que sejam amplamente desenvolvidas.

Sobre o voleibol especificamente, os autores expõem algumas idéias, entretanto não discutem como deve ser sua metodologia de ensino na escola. Os autores apenas caracterizam o jogo de voleibol, cujo propósito é evitar que a bola caia no próprio campo e que se deve fazê-la cair no campo adversário por cima da rede. Eles ainda explicam o significado de cada fundamento e que esses fundamentos podem “dar significado a jogos que podem ser jogados

em qualquer série, respeitando o estágio de desenvolvimento do aluno, pois é esse estágio que indica o tipo de organização e regras que podem ser colocadas” (SOARES et al., 1992, p.74). Ou seja, cada fundamento possui um significado que pode ser utilizado em qualquer outro tipo de jogo que não seja o voleibol. Por exemplo, se a recepção significa “ação de receber o saque do adversário” e “ataque significa passar a bola para o campo contrário dificultando a defesa”, é possível utilizar os significados dos fundamentos sem utilizar os fundamentos técnicos específicos do voleibol, como o toque e a manchete e assim, reproduzir a idéia do vôlei sem usar o jogo propriamente dito. Esses jogos e atividades, que se aproximam da estrutura do jogo, são importantes para desenvolver as habilidades daquele jogo específico e ainda as habilidades comuns aos jogos esportivos.

De acordo com Paes (1996), as habilidades comuns a todos os jogos coletivos, estão dentro de: domínio do corpo e manipulação de bola. E elas devem ser trabalhadas no decorrer de todo o processo de ensino-aprendizagem na iniciação. Exercícios, jogos e brincadeiras que trabalham o controle de corpo sem bola, são eficientes para estimular e desenvolver algumas habilidades motoras, tais como: saída rápida; parada brusca; mudança de direção; saltos; entre outras. Na fase inicial, é interessante que os exercícios de controle de bola sejam realizados com bolas de diferentes tamanhos, para que os alunos manipulem as bolas.

Sobre a organização das aulas, Piccolo (1993) afirma que, algumas vezes por falta de condições físicas adequadas da escola e outras por falta de conhecimento do professor, poucas escolas seguem um programa condizente com a faixa etária da criança, o que é importante, entre outras coisas, para motivar a criança a aprender as habilidades que lhes são adequadas, já que, ao submeter uma criança a aprender habilidades que estão além de suas capacidades, o professor pode gerar em seus alunos a desistência da atividade.

Como a autora diz, é preciso lembrar que nem todas as crianças possuem as mesmas características de desenvolvimento devido às diferenças individuais, mas o programa deve se basear nas características que predominam no comportamento infantil. E isso é um fator de dificuldade dentro da Educação Física escolar, visto que em uma mesma turma ou série os alunos já estão divididos por faixa etária, porém pode haver um grupo heterogêneo, de crianças com diferentes características de desenvolvimento e cabe ao professor adaptar as atividades para cada uma delas. Sabemos que não deve haver qualquer forma de exclusão e é preciso saber trabalhar com todos eles juntos, principalmente porque muitos alunos na escola formal não têm o

objetivo de aprender o voleibol, estão ali porque o conteúdo faz parte da disciplina de educação física, portanto é preciso motivá-los. Por isso destacamos a necessidade de despertar nos alunos o gosto pelo jogo. Seria interessante trabalhar com os alunos o espírito coletivo, a vontade de ajudar o colega que tem mais dificuldade, para que todos se integrem e sintam prazer em jogar juntos.

De acordo com Piccolo (1993, p.59),

O ideal é um programa que faça parte de um planejamento escolar onde tudo o que vai ser transmitido esteja integrado por um objetivo geral, comum a todas as áreas. Quando os conteúdos se apresentam mal distribuídos podem comprometer o aprendizado do aluno, da mesma forma que estratégias impostas limitam a sua participação tirando a oportunidade de uma prática significativa.

A seguir, apresentaremos a divisão das fases de ensino-aprendizagem do ensino fundamental para o ensino do esporte, proposta por Paes (1996). Traçaremos um paralelo entre sua proposta e as propostas de outros autores. Lembrando que, diferentemente da escola de esportes, a Educação Física escolar desenvolve durante todo o ano escolar não apenas uma modalidade. Como vimos anteriormente, existem diversos conteúdos que devem ser trabalhados em cada fase. Como forma de trabalhar o esporte seria possível dividir o ano em mês ou bimestre para cada modalidade, porém os alunos poderiam esquecer o que foi aprendido no ano anterior por falta de prática. Outra maneira seria trabalhar todos os conteúdos aleatoriamente durante o ano, o que poderia não ser muito adequado, já que o ensino de uma modalidade seria interrompido.

Por isso Paes (1996) propõe o ensino do conteúdo esporte de forma que seja trabalhado, principalmente nas primeiras fases, os conteúdos comuns aos esportes coletivos tradicionais (voleibol, basquetebol, handebol e futebol). E apenas nas fases posteriores, introduza os fundamentos e situações específicas de cada modalidade.

ENSINO FUNDAMENTAL

Pré-Iniciação (1ª e 2ª séries)

As crianças nessa etapa têm de 7 a 8 anos. O conteúdo proposto por Paes (1996) para essa fase da iniciação esportiva é o domínio do corpo e a manipulação de bola, que é comum a todas as modalidades consideradas.

O aluno precisa conhecer o próprio corpo e suas possibilidades de movimento. Por isso, nessa fase, o professor deve proporcionar ao aluno vivenciar as mais diferentes formas de movimento, desenvolvendo as habilidades motoras já citadas anteriormente. O domínio do corpo deve ser desenvolvido com e sem a bola, pois ambas as situações estão presentes no jogo e o aluno precisa ter habilidade para realizar os movimentos em resposta aos diferentes imprevistos decorrentes em uma partida.

Em seu trabalho, Paes elenca algumas sugestões de atividades possíveis para o trabalho de domínio do corpo, mas ele deixa claro que são só algumas possibilidades, não são as únicas e nem são definitivas; elas podem ser adaptadas e modificadas de acordo com os objetivos e andamento do processo de ensino-aprendizagem. Dentre essas sugestões estão os mais diversos tipos de pega-pega, pois é uma atividade em que há constantes mudanças de direção, paradas bruscas e saídas rápidas; mas as atividades propostas também desenvolvem outros elementos importantes, como: “tempo de reação, raciocínio, afetividade, cooperação e visão periférica” (PAES, 1996, p.120).

O contato com a bola existe em qualquer esporte coletivo. Nessa fase, Paes afirma que essa habilidade deve ter um tratamento especial e isolado, proporcionando aos alunos o conhecimento de diferentes formas de manipulação: com o pé, com a mão, com a cabeça, com os braços. É importante, como já dissemos, que se desenvolva um trabalho com diferentes tipos e tamanhos de bola, para que haja variações nas tarefas, aumentando assim o domínio da bola. Poderiam ser utilizados jogos pré-desportivos ou os exercícios tradicionais, o autor dá alguns exemplos: rolar a bola pelo corpo; controlar a bola com os pés e joelhos; passar a bola entre as pernas; entre outros. Paes frisa que sua intenção com esses exemplos não é criar uma coletânea de jogos alternativos para ensinar esportes, mas sim “ilustrar a necessidade de compreensão de uma lógica técnica existente nos esportes coletivos, e enfatizar que, uma vez compreendida essa

lógica, os exercícios e os jogos possíveis poderão ser criados de acordo com a realidade de cada professor” (PAES, 1996, p. 122).

Sobre esse período, compartilhamos também com as idéias de Rosa (1995), quando diz que uma maneira possível de desenvolver a iniciação ao voleibol é

(...) deixar, em um primeiro momento, os praticantes jogarem de forma ‘descompromissada’, onde o objetivo principal encontra-se em fazer com que os iniciantes sintam prazer pelo jogo. É um período de exploração, de descoberta e de combinações de movimentos. A criança não tem controle desses movimentos, mas habitua-se com a tarefa de jogar e acaba formando uma estrutura ‘grosseira’ e ‘generalizada’ dos padrões dos movimentos específicos do jogo (ROSA, 1995, p.23).

Rosa não divide as etapas por faixa etária, mas afirma que no primeiro momento do processo de iniciação ao voleibol, há uma combinação entre a experiência ou vivência dos alunos com os movimentos e habilidades motoras básicas do voleibol e a aquisição do gosto e prazer pelo jogo.

Iniciação I (3ª e 4ª séries)

Esse período atende às crianças com idade de 9 a 10 anos. O conteúdo proposto por Paes (1996) é o passe e a recepção e seu objetivo é trabalhar com os alunos diferentes formas de receber a bola, porém para esta fase, os movimentos mais simples são priorizados.

É importante lembrar que a modalidade voleibol apresenta características diferentes das demais modalidades, no que diz respeito aos fundamentos específicos. O basquete e o handebol possuem as mesmas características de passe e recepção, por exemplo, que é jogar a bola para o companheiro com uma ou duas mãos e o futebol com os pés. Não é necessário técnicas específicas para esses fundamentos, pois são movimentos naturais do ser humano. Enquanto para realizar o passe e a recepção no voleibol, através do toque e da manchete, são necessárias técnicas mais refinadas, que não são movimentos naturais do ser humano. Por isso, a técnica do voleibol é aprendida mais precocemente do que as outras modalidades.

Os passes e recepções possíveis no voleibol são: de toque (pra frente, para trás e em suspensão) e de manchete. O que não significa que os alunos não possam encontrar outros

meios de passar a bola durante os jogos. Paes (1996) cita exemplos de atividades possíveis de se trabalhar esses fundamentos.

Nesse período, o conteúdo da fase de pré-iniciação é constantemente retomado durante as aulas.

É possível desenvolver essas habilidades através de jogos e brincadeiras, para que não seja maçante para essa faixa etária e para não abarcar nos exercícios específicos do voleibol precocemente.

Ao discutir sobre a metodologia do ensino da Educação Física, que deve levar em conta o tempo pedagogicamente necessário para o processo de assimilação do conhecimento, Soares et al. (1992, p.65) subdividem o ensino fundamental em: 1º, 2º e 3º ciclos, sendo que o primeiro vai da pré-escola à 3ª série, portanto, compreende a pré-iniciação e a iniciação I proposta por Paes (1996).

De acordo com Soares et al. (1992), no primeiro ciclo, (período de organização da identificação dos dados da realidade) o aluno já conhece a ação ensinada e a executa a partir de uma imagem tomada do seu cotidiano. “Ele a executa com movimentos espontâneos que lhe são particulares”. Ou seja, não deve haver, durante esse período, a correção dos movimentos, das técnicas, é um período em que o aluno deve realizar a ação da maneira que lhe é particular.

Apesar de Rosa (1995, p.24) não dividir as fases de aprendizado por faixa etária, ele propõe que, na segunda etapa, o professor comece a observar e perceber as particularidades da turma e de cada aluno e, após as observações, ele deve começar a “intervir para ver o que acontece”. Este é, de acordo com ele, um momento em que o professor passa a propor situações de problemas que exijam soluções intelectuais e motoras, não somente para o voleibol, mas os alunos devem se tornar capazes de transferir todas as informações e conhecimentos adquiridos para outros jogos coletivos.

De acordo com Soares et al. (1992, p.65), o professor deve dar ênfase na solução do problema, o qual deve ser resolvido pelos próprios alunos. A partir das respostas dos alunos, surgirão referências comuns à atividade proposta. No decorrer dos ciclos seguintes, o aluno ampliará seu domínio as ações apreendidas.

Iniciação II (5ª e 6ª séries)

As crianças desse período têm de 11 a 12 anos e o conteúdo proposto pelo autor é a finalização e fundamentos específicos da modalidade. O objetivo com isso é “dar ao aluno oportunidade de conhecer, aprender e vivenciar os principais tipos de conclusão de uma ação esportiva, uma vez que, até esse momento, privilegiamos fundamentos básicos comuns” a várias modalidades coletivas. (PAES, 1996, p.130). Portanto, a partir desse momento, torna-se necessária a divisão do ano letivo em partes, para que sejam trabalhadas todas as modalidades, além dos demais conteúdos da Educação Física.

Finalização no jogo de voleibol é a ação de enviar a bola para a quadra adversária, por cima da rede, através do toque, da manchete ou da cortada. Um fundamento específico é o saque e a largada. Existem várias atividades citadas pelo autor para trabalhar esses elementos do voleibol. Essas atividades, por se tratarem de fundamentos específicos do voleibol, são também mais específicas do que as atividades e jogos trabalhados nas fases anteriores.

Nesse período, os jogos se tornam mais complexos, justamente por serem mais específicos, por isso, o professor deve estar mais atento às dificuldades que poderão surgir, propondo atividades que são possíveis a todos os alunos, para que eles não sejam desmotivados a praticar a modalidade. O professor deve utilizar constantemente sua criatividade, para não tornar as aulas chatas e repetitivas. Ele deve utilizar jogos reduzidos, com maior ou menor número de jogadores, com maior número de bolas, com quadras menores etc.

Para Rosa (1995) a terceira fase é a de “jogar para não deixar a bola cair no chão”. O objetivo é a transmissão da idéia e das regras do jogo; nesse momento o aluno passa a “pensar o jogo”. De acordo com ele, a participação da criança no jogo informal permite que a criança adquira movimentos básicos e específicos do jogo de voleibol, que irão auxiliá-los, nas fases posteriores, a utilizar esses mesmos movimentos de modo mais complexo para poder jogar e tirar proveito do jogo. A partir desse momento, o professor começará a transmitir aos alunos as intenções do jogo e os sentidos dos fundamentos. Após esse momento, o aluno vai tornando cada vez mais complexa a tarefa de não deixar a bola cair no chão.

Iniciação III (7ª e 8ª séries)

Essa fase compreende alunos com idade de 13 e 14 anos. O conteúdo proposto por Paes (1996, p.135) é o trabalho com situações de jogo, transição e sistemas ofensivos e defensivos, com o objetivo de “proporcionar aos alunos a execução de todos os fundamentos aprendidos, isolando algumas situações de jogo, dar introdução à transição de jogo e iniciar os alunos em organizações táticas ofensivas e defensivas”. E, como vimos, de acordo com Tani (1988) nessa fase ocorre o domínio dessas habilidades e fundamentos específicos.

As situações de jogo serão desenvolvidas a partir de algumas variações do jogo possível, tendo em conta o espaço físico, o número de alunos e os tipos de bolas. Isso proporcionará aos alunos a oportunidade de praticar os fundamentos aprendidos até este momento, em situações reais de jogo. Ou seja, é só a partir dessa fase que os alunos irão ter contato com o jogo de vôlei propriamente dito.

Segundo Paes (1996), nessa fase os alunos já serão capazes de criar as formas de ataque e defesa e terão liberdade na execução dos movimentos. E o autor afirma que todos os alunos devem vivenciar todas as posições possíveis no jogo, não se especializando em somente uma posição.

Os jogos devem ser trabalhados de diversas formas, jogos reduzidos, com menor ou maior número de jogadores, menor tamanho de campo e de bolas, através de um método de iniciação simplificado e adaptado às capacidades e necessidades das crianças, tendo como princípio básico a formação lúdica, com formação de turmas mistas, adequação do tamanho da quadra, do peso da bola, altura da rede e das regras do jogo a esta faixa etária.

No trabalho de Rosa (1995, p.27), ele abordou a opinião de alguns professores da FEF-UNICAMP, sobre sugestões para iniciação ao voleibol nas escolas a partir da quinta série. Antônio Báfero, um dos professores abordados, afirmou, entre outras coisas, que o jogo de voleibol dentro da escola não deve preparar pra competir, ele deve ser uma proposta pedagógica diferenciada das que vemos atualmente e que “o jogo deve ser informal, isto é, sem regras rígidas e com bolas grandes de plástico para não machucar as crianças. Isto deve permitir a criança ser possível participar”. João Freire, outro professor abordado, afirmou que o voleibol na escola

deve ser tratado como conteúdo escolar, o que é bem diferente de considerá-lo como atividade treinável para alta performance. Como conteúdo escolar ele deve ser ensinado de acordo com uma metodologia que garanta ao aluno uma prática de boa qualidade, uma informação sobre os vários aspectos desse esporte e um benefício geral em termos de conhecimento generalizável a outras esferas de conhecimento (ROSA, 1995, p.29, apud FREIRE, 1995).

Ensino Médio

Nessa fase os alunos têm entre 15 e 18 anos aproximadamente. Paes (1996) não trata do Ensino Médio em seu trabalho e não encontramos nenhuma referência ou estudo que tratasse do ensino do voleibol nessa fase escolar. Acreditamos que esse é o momento em que se deve introduzir a questão da competição na educação física escolar, que será tratada adiante.

Para Soares et al. (1992), este é um período de aprofundamento da sistematização do conhecimento, no qual o aluno pode refletir sobre o objeto ou conhecimento aprendido. O aluno é capaz de sistematizar o conhecimento sobre os movimentos aprendidos e os conceitos que explicam o conteúdo e a estrutura de totalidade do objeto.

Como já foi dito, o esporte é uma prática social e como tal, ele é uma produção histórico-cultural que se subordina aos interesses da sociedade capitalista (SOARES et al., 1992). Precisamos questionar suas normas, suas condições, seus princípios.

Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que o jogo se faz 'a dois', e de que é diferente jogar 'com' o companheiro e jogar 'contra' o adversário. (SOARES et al., 1992, p.71).

Acreditamos que, se considerarmos ao invés das séries escolares, apenas a idade dos alunos, a metodologia proposta por Paes (1996) pode ser utilizada também nas escolas de esportes.

3.5 - ESCOLA DE ESPORTES

A respeito da escola de esportes, foi possível encontrar alguns estudos específicos de determinadas modalidades, como por exemplo, o estudo de Scaglia (1996) realizado em escolinhas de futebol, sobre os quais discutiremos adiante. Porém não foi encontrado estudos específicos sobre a escolinha de voleibol, apenas livros sobre a iniciação que podem ser aplicados em qualquer instituição que ensine o esporte. A nosso ver eles servem como manuais que ensinam professores e técnicos as técnicas, os fundamentos e as táticas para o bom desenvolvimento de aulas de voleibol.

“Quando se organizam as escolinhas, deve-se elaborar diversas medidas para atrair os jovens desportistas para a prática do voleibol”. (SUVOROV, GRISHIN, 1998, p.26) E, ao ingressar em uma escola de esportes, os alunos devem ser submetidos a um exame médico para obter autorização para realizar os exercícios.

Existem diferentes motivos para uma criança ingressar em uma escola de esportes: o gosto por determinado esporte; influência dos pais; por ver na televisão um esporte em evidência. Seja qual for o motivo, o objetivo é tornar-se um atleta (mesmo que esse objetivo seja apenas dos pais). Tudo isso aumenta a pressão que os professores enfrentam para tornar seus alunos bons jogadores de voleibol.

De acordo com Scaglia (1996, p.37), devemos pensar a escola de esportes a partir de uma

[...] concepção de educação permanente, que, através da aplicação de conhecimentos de pedagogia de esportes, terá a finalidade e a responsabilidade de possibilitar um desenvolvimento ao aluno, onde o esporte não se restringe a um ‘fazer’ mecânico, visando um rendimento exterior ao indivíduo, mas torna-se um compreender, um incorporar, um aprender atitudes, habilidades e conhecimentos, que o levem a dominar os valores e padrões da cultura esportiva.

Entretanto, não é isso que tem sido evidenciado nas escolas de esportes atualmente. O que existe é uma preocupação exagerada com a formação de atletas, a busca de novos talentos e a especialização precoce.

Borsari, Silva (1972, p.121) defendem a necessidade de dar às aulas, uma linha mais esportiva, o que, segundo eles, gera maior interesse nos alunos. Eles afirmam que é importante dedicar maior parte do tempo aos esportes, à iniciação esportiva “que venha no futuro possibilitar o aparecimento de melhores atletas, ou pelo menos, que nossos alunos saibam aproveitar melhor suas horas de lazer, através de uma Recreação esportiva”.

Atualmente não é novidade que esse seja o grande objetivo de uma escola de esportes. A demasiada importância que se dá a isso pode ser prejudicial para os jovens desportistas, devido aos perigos da especialização precoce, que pode inclusive provocar a perda da perspectiva de melhores resultados na idade adulta.

Em minha curta experiência como estagiária em escolinhas de voleibol, pude perceber que muitas vezes os próprios pais são os responsáveis pela desistência de seus filhos de jogar voleibol, ao exigir perfeição, ao obrigá-los a freqüentarem as aulas, ao não admitir erros. Por isso que, como afirma Suvorov, Grishin (1998), nesse processo de ensino, é muito importante a integração pais-professor, na qual o contato direto com os pais irá auxiliar o professor na escolha dos melhores métodos e recursos a serem utilizados nas aulas. Além de ajudar os professores a perceberem certas particularidades no comportamento de seus alunos para que possa ajudá-los no trabalho em grupo e em qualquer problema surgido em suas aulas. Consideramos essa integração igualmente importante para que os professores deixem claro aos pais quais são os objetivos de suas aulas, quais são os resultados esperados, para que os pais não cobrem dos professores resultados impossíveis e não cobrem dos filhos mais do que eles são capazes de realizar.

Uma escola de esportes envolve além do ensino do esporte, o treinamento desse esporte. E, de acordo Greco, Benda (1998, p.63), “um processo de ensino-aprendizagem-treinamento visa à melhoria do nível de desempenho na atividade esportiva escolhida”. Mas isso não significa, necessariamente, que é necessário alcançar o alto nível e sim, melhorar o nível de cada aluno de acordo com suas capacidades.

Sabemos que atualmente a estatura é um fator decisivo para o atleta de voleibol. Geralmente um professor de escola de esportes observa com mais atenção o aluno mais alto, que provavelmente terá maiores oportunidades de se tornar um jogador. O professor inclusive toma como base a altura para especializar um aluno em determinada posição (o mais alto geralmente se torna meio e o mais baixo líbero ou levantador). Isso não pode acontecer na iniciação, pois esta é

uma fase em que todos os alunos devem aprender todas as funções, pois mais tarde o mais alto pode se tornar o mais baixo e ele não terá mais eficiência na posição em que foi especializado.

Greco, Benda (1998, p.65) afirmam que geralmente há um trabalho de especialização precoce nas escolinhas esportivas, “onde os professores (às vezes por culpa de pressões dos próprios pais ou dirigentes) não se preocupam com a formação biopsicossocial das crianças”, buscando apenas resultados. Eles atendem às pressões dos pais que desejam êxito a qualquer custo e dos dirigentes que só consideram a medalha, o primeiro lugar. A iniciação esportiva deve ser uma forma de educação, de formação, de preparação, não somente para o alto nível, mas para a vida do indivíduo. Além disso, uma especialização precoce pode causar danos físicos nas crianças (que não têm estrutura para suportar toda a pressão) que podem ser irreparáveis.

Paes (1997, p.86) discute sobre a especialização precoce e afirma que,

A prática de uma modalidade exige especialização com relação às posições em função do resultado, do rendimento, enfim, da busca pela vitória. Este procedimento poderá ter conseqüências irreparáveis na formação de um atleta, podendo, até mesmo, proporcionar um final de carreira esportiva também precoce.

De acordo com o autor, em uma pesquisa realizada por Teotônio Lima, foi analisada a participação infantil e juvenil no desporto em Portugal envolvendo crianças de 10 a 15 anos e observou-se que a organização dos campeonatos é a mesma independentemente da idade. Há também uma igualdade no tratamento, ou seja, as crianças são tratadas da mesma forma pelos técnicos, dirigentes, árbitros e os demais envolvidos. As crianças estão envolvidas no mesmo ambiente esportivo dos adultos. O autor afirma que, segundo Teotônio, a atividade desportiva da criança deve ser levada a sério, porém os objetivos devem ser: o prazer pela prática e a atividade educativa como um fim de desenvolvimento integral da criança, para que não haja uma especialização precoce.

Scaglia (1996), que escreve sobre a escolinha de futebol, defende a idéia de que o processo de ensino-aprendizagem de um esporte deve estar baseado numa concepção pedagógica de esportes e que esta concepção

[...] tem como função básica proporcionar um desenvolvimento harmonioso e global ao educando, respeitando sempre os seus estágios de crescimento e desenvolvimento, possibilitando um aumento do seu vocabulário motor aliado ao aprendizado dos fundamentos exigidos pelo futebol. (SCAGLIA, 1996, p.37).

Esse desenvolvimento global envolve os aspectos sensitivos, cognitivos, afetivos, sociais e motores, pois sem o desenvolvimento de todos esses aspectos, a aprendizagem não será feita com eficácia.

Compartilhamos com o autor a preocupação em impedir que o objetivo da escola de esporte seja apenas a busca de performance e do desenvolvimento físico do aluno, mas sim a busca por atender a todas as necessidades da criança em todos os aspectos já discutidos. O desenvolvimento das aulas deve acontecer através de “atividades prazerosas, lúdicas, que se baseiam muitas vezes em jogos de ruas, da própria cultura infantil” (SCAGLIA, 1996, p.38). Pois, como já foi dito, isso desperta o interesse da criança para as aulas.

Em um dos meus estágios em escola de voleibol, que teve o período de 4 meses, o professor utilizou apenas uma vez um jogo que não tinha nenhuma relação direta com o voleibol, para desenvolver habilidades básicas. De acordo com ele, a aula era muito curta (de uma hora e meia) e se ele estendesse o tempo utilizado para os jogos e brincadeiras as crianças não teriam tempo de jogar vôlei no final da aula. As aulas eram freqüentadas por crianças de 7 a 14 anos e era visível a necessidade que as crianças menores tinham de realizar trabalhos de desenvolvimento das habilidades básicas, visto que, pela idade, muito provavelmente essas habilidades estão começando a ser desenvolvidas na escola formal. Seria mais adequado realizar um trabalho diferenciado para cada faixa etária e que se priorizasse as brincadeiras e jogos para as crianças menores e os jogos pré-desportivos e jogos reduzidos para as maiores.

Bento (1987) propõe um trabalho que consideramos tecnicista, portanto, inadequado para desenvolver na iniciação. O objetivo do autor é “debruçar-nos sobre o Ensino dos gestos técnicos fundamentais do jogo de voleibol que estejam ao alcance das possibilidades motoras da criança do Ensino Secundário, isto é, habitualmente, com as idades de 12, 13 e 14 anos”. (BENTO, 1987, p.11).

O autor discute sobre as posições corretas das mãos, o alinhamento da bacia com a linha acromial. Ele acredita que o estudo do passe deve ser iniciado pelo “conhecimento exaustivo da mão estimulando intensamente e diversificadamente as sensibilidades muscular

tendinosa e articular” (ibidem, p.18), pois segundo ele, se a criança sente que não bate bem na bola, ela irá realizar várias tentativas que podem ser frustrantes e isso causará bloqueios, inibições, tornando a aprendizagem mais difícil, podendo gerar um desinteresse total na criança. Acreditamos que a maneira mais adequada de despertar o interesse na criança não seria ensinar exaustivamente a posição correta da mão, das pernas ou de qualquer aspecto técnico, mas sim realizar atividades prazerosas, em que elas aprendam o movimento correto sem perceber.

Suvorov, Grishin (1998, p.25) afirmam que o processo de ensino do voleibol deve ser planejado, com base nos princípios didáticos, com crianças desde os 11 a 12 anos, sendo que “os primeiros 2 a 4 anos de preparação especial devem ser dedicados à assimilação dos fundamentos da técnica e da tática e do aumento da preparação física geral”. Com esta base, haverá garantia de resultados posteriores, tornando possível a formação de *jogadores de voleibol de alto rendimento*, pois em menos tempo não é possível *dominar com perfeição a técnica* do voleibol. Essa é a mentalidade que se destaca entre os professores, porém deve-se tomar cuidado com a maneira que tem sido feito esse preparo. Por outro lado, os autores defendem a idéia do desenvolvimento integral dos alunos, do envolvimento educacional que deve ser desenvolvido durante o ensino e não com o simples desenvolvimento da técnica. Para eles, os objetivos das aulas de voleibol,

[...] vão além do simples exercício de gestos desportivos e/ou movimentos táticos. Há todo um movimento educacional no trato com esta faixa etária, um vínculo entre o estudo e a vida, o fortalecimento da livre iniciativa e da autoconfiança. O voleibol, assim como outras atividades ministradas nessa fase será auxiliar na formação bio-psicosocial destes indivíduos. (SUVOROV, GRISHIN, 1998, p.13).

Nas aulas em escolas de esportes, é possível dividir a turma por faixa etária e pelo nível de capacidade do aluno ou pela fase de desenvolvimento do aluno. Segundo os mesmos autores, é interessante a criação de um grupo homogêneo, o que favorece a possibilidade do técnico utilizar amplamente todos os recursos disponíveis em suas aulas. Além disso, “a igualdade de forças e possibilidades dos participantes provoca neles um grande interesse pelas aulas” (SUVOROV, GRISHIN, 1998, p.45). Entretanto, a seqüência de desenvolvimento é a mesma para todas as crianças, mas a velocidade de progressão varia, portanto, às vezes é conveniente incluir um aluno mais jovem, mas com um nível de preparação suficiente em um

grupo de alunos mais velhos, para que ele não se sinta desmotivado em um grupo que, embora tenha a sua idade, o nível de preparação é inferior ao seu. Por isso é necessário levar em conta todas as especificidades da turma, as individualidades dos alunos no momento em que planejamos nossas aulas.

Os autores destacam que os professores devem estar atentos para que suas aulas visem à melhoria da saúde, através da escolha e dosagem adequadas dos exercícios e do respeito ao nível de preparação individual dos alunos, ao estado de saúde de cada um e às particularidades de idade e sexo, afim de que as aulas não excedam as cargas que os alunos podem suportar.

Portanto, esperamos ser possível em uma escola de esportes o cumprimento de todas essas exigências de forma adequada, coerente, para que contribua com o processo educacional de seus alunos.

3.5.1 - MÉTODOS DE ENSINO

É importante a escolha dos métodos de ensino que serão utilizados pelo professor, pois estes irão auxiliá-lo no desenvolvimento das características objetivadas por ele, isto é, a metodologia irá permitir que os objetivos do professor com suas aulas possam ser alcançados na prática.

Suvorov, Grishin (1998, p.13), citam a metodologia da “descoberta orientada e/ou de solução de problemas”, que auxiliam no desenvolvimento da “sociabilidade, senso crítico, autocontrole”.

De acordo com esses autores, o processo de ensino e desenvolvimento do voleibol envolve quatro etapas. A primeira é o conhecimento da ação que se vai aprender; a segunda é a aprendizagem da ação; a terceira é a repetição da ação (para que haja o domínio perfeito) e por fim a comprovação do que foi aprendido (através de análises e avaliações com o auxílio do professor). No primeiro momento ensina-se o fundamento técnico em condições simples, posteriormente em condições aproximadas de jogo e somente numa última etapa nas condições reais de jogo.

O aluno, quando escolhe uma modalidade esportiva para aprender, provavelmente já tem algum conhecimento ou representação da ação que vai ser estudada, porém ele não joga o voleibol propriamente dito e nem domina os fundamentos e habilidades específicas. Por isso que a primeira etapa envolve o conhecimento da ação, para que o aluno entre em contato com o que vai ser vivenciado nas aulas e só numa segunda etapa ele irá aprender realmente os movimentos. Consideramos, a partir do estudo de Rosa (1995), que a melhor maneira de fazê-los representar a ação é deixando-os jogar; perceber o que eles já sabem e o que não sabem; analisar seus movimentos, suas noções de movimentos, sem interferir, sem corrigir, para que eles apenas se divirtam. O professor pode realizar brincadeiras e jogos utilizando a bola de vôlei, alguns princípios do vôlei, como: não deixar a bola cair no chão, tentar jogá-la em espaços vazios, etc.; entretanto, sem utilizar os fundamentos específicos, nem a competição, apenas trabalhando algumas habilidades básicas.

Existem alguns métodos discutidos por Suvorov, Grishin (1998), os quais nos interessa analisar neste trabalho: “explicativo (explicação e demonstração); global-fragmentária (completo e por partes); para corrigir erros; fixação do movimento aprendido e para avaliação do que foi aprendido”.

O método explicativo consiste em criar com os alunos uma representação correta do movimento que vai ser estudado; é comum alternar explicação (que deve ser curta e compreensível a todos) e demonstração; os alunos experimentam o movimento e as tentativas serão essenciais para a criação de uma representação do movimento na mente e no repertório motor dos alunos. Os autores afirmam que o estudo do fundamento técnico nessa fase inicial deve ser realizado em condições simples, para que os alunos possam dominar sua estrutura básica; a estrutura dos exercícios específicos deve aproximar-se do fundamento técnico, porém sua complexidade deve corresponder às verdadeiras possibilidades dos alunos.

O método global-fragmentário é utilizado no ensino dos fundamentos técnicos. No global, os fundamentos técnicos são executados de uma vez, proporcionando melhor representação da ação como um todo; geralmente são utilizados nos fundamentos mais simples. Já no ensino fragmentado, o fundamento técnico é dividido nas partes que o constitui, porém não é interessante destinar muito tempo para o ensino de cada parte, deve-se levar o aluno a executar o movimento completo sempre que possível. Nesse método, o professor ensina o fundamento

completo, depois por partes, para que o aluno aprenda como chegar ao movimento completo e, novamente, em sua totalidade.

Os autores discutem um assunto importante, que é o das diferenças individuais. O professor deve ensinar os fundamentos técnicos aos seus alunos em condições diversas e mutantes e não apenas em condições aproximadas de jogo. Nessa fase, as qualidades individuais dos alunos são manifestadas. As exigências, em relação ao domínio dos movimentos ensinados, são as mesmas para todos os alunos, mas sempre há “desvios individuais, que concretamente, suscitam a possibilidade de execução melhor de um ou outro fundamento” (SUVOROV, GRISHIN, 1998, p.24). Os professores devem estar atentos para corrigi-los e para não comparar um aluno ao outro ou não cobrar da mesma maneira o aluno que ainda não domina o movimento.

Eles afirmam que é durante os jogos de treino que os fundamentos técnicos são definitivamente fixados, pois é o momento em que o professor propõe tarefas e nelas ele introduz determinadas condições.

Se o ensino for realizado de maneira adequada, a manifestação de erros será evitada. Mas se os erros surgirem, devem ser detectados e corrigidos imediatamente, assim como suas causas, para que haja possibilidade de eliminá-los.

Por último, a metodologia para análise e avaliação do que foi aprendido - que, de acordo com os autores, são obrigatórias em todas as etapas do aprendizado - é realizada a partir de observações diárias do professor, que podem ser complementadas com as provas de controle (técnico e tático) e com os resultados das competições, que permitem notar os avanços dos alunos. Mas, a nosso ver, essa metodologia depende da idade dos alunos, pois os mais jovens não devem ser submetidos a essas provas de controle e competições.

Bento (1987) traz em seu livro diversas atividades para trabalhar os diversos aspectos que envolvem o voleibol. É interessante que em cada exercício descrito, o autor apresenta uma justificativa pedagógica, uma justificativa técnica e uma justificativa científica. Ele dá exemplos de exercícios para o passe, relacionados com o controle proprioceptivo da mão e com os apoios e deslocamentos. Em seguida ele faz um estudo dos principais erros cometidos pela criança no decurso da aprendizagem, levando em consideração a posição das mãos - afastamento dos dedos, papel dos polegares, aproximação inadequada das mãos, posição da mão em relação ao rosto, etc - a posição dos cotovelos; dos braços; do tronco; os apoios e

deslocamentos; alertando em que sentido devem ocorrer as principais correções por parte dos professores.

Percebemos a partir dessa leitura que a maneira proposta pelo autor para o ensino do voleibol é tecnicista, visto que ele se volta quase totalmente para o ensino correto de todos os fundamentos específicos, dos posicionamentos de todas as partes do corpo. Além disso, o autor não menciona as fases de desenvolvimento das crianças, nem a divisão de faixa etária e os exercícios e atividades propostas por ele são totalmente analíticos, não havendo menção a respeito de brincadeiras e jogos lúdicos. Para o ensino da manchete, por exemplo, ele menciona a aprendizagem do controle da cintura escapular e o controle da articulação do cotovelo e um dos exercícios proposto é a realização do movimento da manchete, sem a bola, segurando com as mãos, um elástico que está preso em um pé.

De acordo com Bento (1987, p.61), a seqüência metodológica por ele prosseguida, considera sempre “a natureza particular dos gestos, as suas características técnicas e, sobretudo, a sua sensibilidade intrínseca”; procura interpretar a lógica da própria motricidade infantil e nunca é acabada ou exata.

O planejamento proposto pelo autor é organizado da seguinte maneira: durante o ano letivo são trabalhados os conteúdos basquete, vôlei, ginástica e handebol; durante todo esse tempo são desenvolvidas algumas capacidades físicas como a velocidade, resistência, flexibilidade, força e coordenação; a coordenação é trabalhada juntamente com todos os conteúdos; a velocidade só não é trabalhada com o vôlei; a resistência não é trabalhada com a ginástica; a flexibilidade não é trabalhada com o handebol e a força não é trabalhada com o basquete.

Dessa maneira, de acordo com o autor,

Aproveita, necessariamente, de ciclo para ciclo, os novos créditos motores de que a criança se foi apropriando (por exemplo o último ciclo de Andebol já deve levar em linha de conta as aprendizagens do ciclo de basquetebol: apreciação de trajetórias, deslocamentos, organização do espaço, noções de ataque e de defesa, etc.). (BENTO, 1987, p.102).

Na programação de um ciclo de atividades proposta pelo autor, são incluídas atividades com bolas, com cordas e com bancos sucos; trabalhos de baixa intensidade e de

media duração com utilização dos gestos técnicos já aprendidos ou em sua forma adaptada; trabalho de corrida contínua e intervalada e jogos.

O autor destaca a necessidade de realizar avaliações periódicas durante todo o planejamento, para que seja possível acompanhar o desempenho e desenvolvimentos dos alunos.

Bento (1987) fornece aos leitores uma periodização de um ciclo de voleibol (escolar) de 18 unidades. Como foi dito, ele não especifica a idade e as fases de desenvolvimento das crianças. Ele separa cada capacidade física e descreve como e em quais aulas cada uma deve ser trabalhada. Por exemplo, a resistência aeróbia deve ser trabalhada na 2^a, 3^a, 5^a aula através de corrida contínua, corrida contínua com controle da bola de vôlei e passes, saltos com corda; a força pode ser trabalhada através de exercícios de pliometria, corrida e salto, flexão e extensão de membros contra resistência; assim por diante a respeito de todas as capacidades.

O autor propõe ainda a programação do desenvolvimento dos fundamentos técnicos. Na primeira e segunda aula, por exemplo, deve ser trabalhado o saque e o passe; na terceira aula deve ser trabalhada a manchete e o passe; a partir da sexta aula deve-se iniciar o trabalho de ataque; e assim por diante. E para cada aula, o autor propõe alguns exercícios analíticos para a aprendizagem dos fundamentos.

Borsari, Silva (1972), num primeiro momento explicam as funções de todos os fundamentos dentro do jogo de voleibol, descrevem como cada um deve ser executado e em seguida descrevem alguns exercícios que podem ser realizados durante a aprendizagem de cada fundamento. Eles também não dividem seus alunos por fases de desenvolvimento, mas eles afirmam que o trabalho deles pode não encontrar total êxito, pois seus atletas começam a prática esportiva com 14 anos, idade que, segundo eles, já deveria estar se especializando no esporte escolhido. Para eles, a “falta de condições físicas de nossos atletas, é reflexo da falta de base, que deveria ser trabalhada desde a idade em que a criança entrou na escola (7 anos).” (BORSARI, SILVA, 1972, p.119).

Entretanto, essa é uma dificuldade que o trabalho em escolinhas de esporte envolve, visto que não há uma idade certa para começar a freqüentá-las. Os professores devem estar preparados para os casos em que, no meio do ano ou em um momento em que as habilidades dos alunos já estão bem desenvolvidas, alguma criança que não têm as mesmas habilidades ingressa na escolinha, havendo, portanto, a necessidade de começar um trabalho especial com ela, se não houver nenhuma turma do mesmo nível que o seu.

Para o desenvolvimento das condições físicas, Borsari, Silva propõem, tanto para as instituições esportivas como para a escola formal, a metodologia do treinamento em circuito para o desenvolvimento das capacidades físicas, que segundo eles é de fácil aplicação e possibilita atingir seus objetivos em curto espaço de tempo, deixando em consequência, considerável parte da aula para a aplicação esportiva. Este método organiza os exercícios (que não devem ser de difícil execução) em estações, com o objetivo de propiciar um progresso global de resistência e força muscular e deve sempre poder ser reproduzido para outros esportes ou atividades.

De acordo com os autores, o treinamento em circuito é uma metodologia que possibilita o atendimento de um grupo de alunos heterogêneos; os alunos trabalham sempre motivados, devido às mudanças de estações e execução de diferentes formas de trabalho; os exercícios podem ser realizados com ou sem materiais; o treinamento pode ser adaptado às características do esporte em questão; não exige habilidade para a execução dos exercícios, portanto os alunos mais lentos podem realizar todos os exercícios sem impedir o desenvolvimento do circuito; entre outras vantagens.

O planejamento proposto por eles divide o ano em 4 fases. A primeira fase abrange 15 aulas (1 bimestre), nas quais os alunos são iniciados nos primeiros fundamentos – posição de expectativa, manchete, toque por cima e saque por baixo - e o professor deve se atentar, principalmente, ao desenvolvimento da movimentação da criança. No final dessa fase os alunos deverão ser capazes de executar todos esses fundamentos para poder introduzir o jogo pré-desportivo, fazendo com que a criança tome consciência da posição da quadra.

Na segunda fase, que abrange 20 aulas, o professor deve fazer revisão dos fundamentos estudados e desenvolver ainda o saque por cima, a cortada e o bloqueio. Na terceira fase (25 aulas), o professor deverá trabalhar o conhecimento tático do jogo e dos fundamentos já aprendidos; o aluno tomará conhecimento de sua posição na quadra em um jogo normal e como poderá aproveitar os fundamentos que ele conhece. Nessa fase será desenvolvido: a recepção do saque, a formação do ataque, a defesa sem bloqueio, a defesa com bloqueio simples, duplo e triplo.

A quarta e última fase do ano (que os autores tratam como ano letivo, por se tratar no livro de educação física escolar) “deverá ser utilizada no sentido de coroar o trabalho” (BORSARI, SILVA, 1972, p.133). O professor deve organizar um campeonato interno, no qual

deverão participar todos os alunos. De acordo com os autores, o professor deve incentivar a competição, fazendo com que os alunos participem com intensidade e aprendam que o importante é competir e que a vitória é somente consequência de uma luta leal.

Ao final de cada fase, testes devem ser aplicados para avaliar o desenvolvimento físico e a aprendizagem da modalidade esportiva.

Esses autores dividem as aulas em três partes: considerações e aquecimento (6 minutos), que será realizado através de corridas, saltos, giros no alto, deslocamentos e paradas rápidas, etc; fundamentos (36 minutos), parte onde será desenvolvido o tema previsto através de no máximo três exercícios (realizados repetidas vezes) em princípio simples e depois com exercícios que representem fases do jogo; e treinamento em circuito (8 minutos), onde os alunos executarão uma série de exercícios físicos objetivando sua formação física (desenvolvimento e fortalecimento geral do organismo).

Assim como Bento (1987), Borsari, Silva (1972) trazem em seu livro um planejamento em que descrevem todos os exercícios de todas as aulas de cada uma das 3 fases. Todos os exercícios propostos pelos autores são analíticos, realizados em colunas, círculos, sem a existência de jogos pré-desportivos, brincadeiras, atividades mais livres. Somente na terceira fase eles utilizam exercícios mais próximos das situações de jogo, realizados na quadra, utilizando a rede, porém também são analíticos e não pré-desportivos.

De acordo com Suvorov, Grishin (1998), uma frequência de aula adequada para as aulas de iniciação seria de 2 a 3 aulas por semana, de 2 a 3h para os atletas de 11 a 14 anos e de 3 a 4 aulas de 3 a 4h para os atletas de 15 a 18 anos. Poderíamos então estimar uma frequência de 2 aulas por semana de 1h30 a 2h para crianças de 7 a 11 anos, que é o que tenho visto em minhas experiências de estágio.

O horário das aulas depende do turno de estudos das crianças. Para os alunos que estudam no período da manhã, o ideal seria que as aulas compreendessem o período das 15horas até as 20h30, pois segundo os autores, após este horário as aulas não têm mais eficácia, pois alteram o regime normal do aluno, podendo causar insônia crônica e é interessante que haja um período de aproximadamente 2 horas para as refeições. E para os alunos que estudam no período da tarde, as aulas devem terminar com 2 a 2h30 antes do início das aulas.

Como já foi dito, é cobrado que os alunos de escolas de esportes aprendam a jogar bem e obtenham resultados. Por isso, é muito complicado aplicar os princípios pedagógicos

que aprendemos em nossa formação como educador e é muito difícil respeitar as fases de desenvolvimento, levando todos esses problemas em consideração. Se uma criança ingressa aos 7 anos na escola de voleibol, não será admitido (pelos pais) que ela fique até os 10-11 anos aprendendo apenas as habilidades básicas, sem entrar nas especificidades do voleibol. Assim, tratando-se de escola de esportes, deve-se tomar o mesmo cuidado com as fases do desenvolvimento da criança, para não haver exageros, para não ultrapassar limites e principalmente para não haver uma especialização precoce, porém os professores sentem a necessidade de acelerar o processo de ensino-aprendizagem e desenvolvem algumas especificidades do voleibol em idades mais adiantadas. Se isso acontece, sugerimos que seja feito sempre que possível de forma lúdica e divertida.

Para concluir, podemos utilizar a afirmação de Scaglia (1996, p.42), que diz que a escolinha de esportes

[...] procura visar especificamente, além do desenvolvimento e aprendizado da modalidade esportiva em questão, a promoção da saúde e da condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras (ampliando-se o repertório motor), e o entendimento do esporte como um fator cultural (humano), estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade, devendo ser fomentada a sua gestão pelos estudantes praticantes, salvaguardando-se a orientação por profissionais qualificados, e não se preocupando com o resultado imediato, deixando este momento para posteridade, quando se dará início a formação de atletas, através de treinamentos mais específicos.

O que não é uma tarefa fácil, visto que pertencemos a uma sociedade em que tudo se torna descartável e tudo deve ser produzido rapidamente a fim de obter o desempenho esperado. Não podemos permitir que nossos alunos se tornem robôs.

Portanto, o trabalho de iniciação com qualquer esporte tem de ser, na teoria e prática, um exercício humanamente criador e responsável, que, regido por uma pedagogia própria, transmita muito mais que o aprendizado de gestos técnico esportivos. Valores éticos, sociais e morais devem ser ensinados através das várias possibilidades que o conceito de esporte abrange, para que se possa fazer do educando um ser agente e transformador do seu tempo, preocupado com uma cidadania que lhe permita viver bem em qualquer que seja o caminho do esporte escolhido por ele a seguir. (SCAGLIA, 1996, p. 42).

3.6 - A QUESTÃO DA COMPETIÇÃO

Durante a fase de iniciação, acreditamos que o período competitivo não deve ser priorizado, pois segundo Paes (1997, p.85), “a competição precoce, deixa de ter valor educacional a partir do momento em que deixa de ser simplesmente jogo e passa a ser competição”. Além disso, o autor afirma que na fase de iniciação a criança ainda está em formação e não possui uma base para suportar as tensões geradas pela incerteza do jogo enquanto competição; a criança ainda não tem estrutura emocional para suportar algumas pressões que a envolve, como derrotas, fracassos, grande importância do acerto. E ainda, de acordo com Weinneck (1991), o organismo da criança não está preparado para receber as cargas que uma competição impõe, sejam elas físicas ou psicológicas. Principalmente na Educação Física escolar, a qual deve buscar priorizar o desenvolvimento integral da criança.

Como já foi dito, a Educação Física escolar deve possibilitar ao aluno vivenciar o processo de aprendizagem de forma lúdica, de forma que ele sinta prazer durante as aulas e mantenha o interesse em praticar esporte. Por isso, concordamos com a abordagem dos jogos cooperativos, explicada por Darido (2003), a qual valoriza a cooperação em detrimento da competição. Os jogos cooperativos podem ser usados como uma força transformadora; nesses jogos todos se sentem vitoriosos e, portanto, todos se divertem (Darido, 2003, apud Brotto, 1995). Porém, o jogo é mais do que um instrumento de diversão; ele transmite valores pedagógicos; traz consigo uma mensagem, oportunidades de comunicação e a possibilidade de ser um espaço para viver novas alternativas. Além disso, contribui para a construção de uma sociedade baseada na solidariedade e na justiça.

Paes (1997, p.83) discute essa questão afirmando que existe diferença entre o jogo e a competição.

O jogo pode e deve estar presente na fase de iniciação, enquanto que a competição se torna um mal nesta fase, e seguramente causará problemas na formação da criança. Tanto na sua formação pessoal, como ser humano, por ser deseducativa, como também na sua formação atlética: pois a competição precoce também não tem valor comprovado na formação de atletas de alto nível.

De acordo com o autor, no período de iniciação a atividade que deve estar presente é o jogo, acentuando-se a dimensão lúdica, dando-lhe um valor educacional e cultural, não subordinando o processo de ensino-aprendizagem às vitórias e às derrotas. Segundo ele, só assim poderemos ter o esporte como elemento central no desenvolvimento da criança.

O autor sugere que, ao invés de promover campeonatos, a escola deveria ligar o jogo a uma festa, o que proporcionaria maiores possibilidades de participação, pois a competição está ligada à performance, biótipos adequados, profissionalização, enquanto a participação está ligada à socialização, lazer, educação e valores culturais interativos. O objetivo deve ser promover a integração entre as crianças e a partir de uma festa, que terá o jogo como um meio, todas as crianças terão a oportunidade de participar de um jogo de voleibol e de optarem pela prática do esporte. E, conforme diz o autor, “mesmo aquele que não optarem pela sua prática, terão tido a oportunidade de conhecer a modalidade, podendo ter através dela, uma nova experiência pessoal” (PAES, 1997, p.62).

Entretanto, não podemos desconsiderar que a competição já está extremamente presente na vida das pessoas em diversos aspectos da vida e dentro do esporte é uma forma de motivar os alunos a colocar em prática o que aprenderam e de mostrar para eles mesmos as habilidades adquiridas. Nossa intenção é promover um equilíbrio entre o lúdico e a competição.

Além do mais, o próprio jogo de voleibol, só existe porque duas equipes adversárias jogam entre si, e o objetivo de cada uma é derrubar a bola no campo adversário para poder vencer. Porém, como cita Freire (1994, p.152):

[...] a competição exige a presença do outro. Nenhuma criança poderá sair vencedora em um jogo se não houver uma outra que esteja competindo com ela. Nesse sentido, a competição ganha características de verdadeira cooperação. Creio que a escola deveria explorar principalmente esse aspecto do jogo competitivo.

O professor precisa transformar a competição em uma forma de cooperação entre as crianças. Elas precisam entender que todos fazem parte do jogo e todos têm igual importância. O time vencedor não existe sem o perdedor, por isso é preciso ressaltar a importância deste. Não deve haver a supervalorização do vencedor em detrimento do perdedor; não deve haver premiação somente para os vencedores, ignorando a existência dos que obtêm

colocações inferiores, porque isso os fará sentirem-se inúteis e muitas vezes desistirem do esporte.

Os perdedores sofrem discriminação dentro da competição, que é formadora de campeões, selecionadora, disseminadora de sentimentos preconceituosos. “Vencer a qualquer custo é o lema que orienta a competição, nas relações sociais e nos jogos desportivos” (FREIRE, 1994, p. 152).

Os professores devem compreender e utilizar o esporte para valorizar as relações, pois ele é um meio útil de socialização. De acordo com Paes (1997, p.67), o professor da escola “tem dificuldades de diferenciar o jogo da competição, a festa da prática, o campeonato de uma atividade lúdica, misturando assim os objetivos com o conteúdo de um determinado esporte”. É necessário resolver essa confusão para que seja dado o devido valor ao jogo dentro das escolas, pois é na escola que deve existir a massificação para o esporte.

O esporte é instrumento fundamental de educação e cultura. Ele é capaz de passar à criança valores educativos essenciais tanto para a prática do esporte em geral como para sua vida social. De acordo com Teodorescu (1984), os jogos desportivos são capazes de trabalhar o desenvolvimento de qualidades psíquicas, que são necessárias para o desenvolvimento e formação da personalidade multilateral do homem, entre elas: o espírito coletivo; o espírito de organização e a disciplina consciente (são trabalhados pela própria aceitação das regras do jogo, da arbitragem); desenvolvimento da iniciativa, da combatividade e vontade de vencer dificuldades; desenvolvimento do raciocínio prático (analisar situações, compará-las e formar conclusões práticas). Essas qualidades podem ser trabalhadas através da competição. A intenção aqui é conscientizar os professores que o esporte e a competição são instrumentos de educação extremamente ricos e que podem ser muito mais útil para a apreensão de valores do que as disciplinas dentro da sala de aula se forem devidamente trabalhados.

A escola deve conscientizar os alunos de que, no mundo “lá fora”, não se deve querer ganhar “a qualquer custo”, não se deve passar por cima dos outros para poder vencer na vida, é preciso vencer por seus próprios méritos, por seu esforço; para isso é preciso saber perder, é preciso entender que existe hora de vencer e hora de perder e é preciso saber lidar com as derrotas, saber que a derrota ao invés de ser um motivo para desistir, deve ser um incentivo para se esforçar mais para poder vencer. Para que esses valores sejam desenvolvidos é interessante trabalhar a competição em um ambiente de cooperação e companheirismo.

Para que a discussão sobre a competição seja completa, é de extrema importância considerar as faixas etárias dos alunos. Não tomamos como base desse estudo a Teoria Desenvolvimentista, pois não concordamos que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física, privilegiando a aprendizagem do movimento técnico, das habilidades motoras, como defendem os autores desta abordagem. Porém, como os autores dessa teoria defendem, é importante que haja uma adequação dos conteúdos ensinados com as necessidades e expectativas dos alunos nas diferentes faixas etárias.

De acordo com Tani (1988), somente por volta dos 12 anos, a criança está apta para adquirir habilidades específicas de um esporte. Entendemos que somente a partir dessa fase seria possível trabalhar com a competição de um esporte com todas as suas características, no processo de ensino-aprendizagem.

É importante considerar as fases de desenvolvimento da criança, pois a valorização exagerada da competição pode provocar prejuízos físicos, fisiológicos, psicológicos e sociais, pois em competições, a atividade física é levada ao extremo. E, de acordo com Gallahue, Ozmun (2003), Seefeldt, Gould (1980) apontam estudos que indicaram que quando jovens são envolvidos em programas de moderados a intensivos, seus níveis de crescimento de peso e altura ficam reduzidos ou atrasados. Há ainda a questão de lesões da estrutura óssea de crescimento de jovens corredores de longa distância ou devido ao uso excessivo do músculo, que pode resultar também em lesões da epífise (GALLAHUE, OZMUN, 2003 apud CAINE, LINDER, 1984). Por isso, os autores alertam que os programas de atividades e exercícios para crianças devem ser supervisionados cuidadosamente, respeitando seus limites.

As atividades competitivas devem ser adequadas a cada fase, para que todas as crianças, estando em uma mesma fase, possuam capacidades suficientes para realizar as atividades propostas. Se isso não acontecer, os alunos podem ser desmotivados a praticar o esporte, como pude perceber em meu estágio numa escolinha de voleibol, na qual havia meninas de 7 a 14 anos, que, por haver apenas uma quadra disponível, poucas bolas e um curto espaço de tempo de aula, realizavam todas as atividades juntas. As meninas de 14 anos que ainda estavam lá não tinham habilidades suficientes para passar para o time pré-mirim, que já participava de algumas competições, porém, as meninas de 7 anos eram muito pequenas e estavam aprendendo as habilidades específicas do vôlei (o que consideramos inadequado para uma criança de 7 anos), portanto, não acompanhavam as mais velhas. As mais velhas eram desestimuladas, por terem que

realizar atividades com as meninas que ainda não acompanhavam suas habilidades, tornando as atividades menos dinâmicas e as mais novas eram desestimuladas, pois ao jogar com as mais velhas, tocavam pouco na bola e quando tocavam, erravam mais do que as outras, o que as desanimava.

Além disso, conforme afirma Paes (1997, p.85), “o valor dado pela prática competitiva às vitórias é inversamente proporcional ao valor dado para as derrotas, sendo assim, a derrota também poderá atuar como fator de desmotivação para a prática”.

Ao falarmos de escola de esportes, sabemos que existe a especialização em um determinado esporte e que, em paralelo a esta especialização, ocorre a competição. Paes (1997) defende que a competição poderá estar presente na formação da criança, porém deve ocorrer no momento adequado e com orientação de profissionais competentes. De acordo com o autor, a fase da competição deve ser precedida de dois momentos educativos. O primeiro momento do aprendizado deve ter como objetivo o desenvolvimento motor da criança e irá proporcionar a ela um embasamento e maturidade motora, que são fundamentais para a sua formação e irá prepará-la para a atividade seguinte. No segundo momento, a criança poderá conhecer as modalidades esportivas e deverá ter a iniciação em várias modalidades, individuais e coletivas, “conhecendo através do jogo, os diferentes elementos que compõem cada modalidade”. E por fim, o estágio final do aprendizado permitirá a iniciação específica com uma modalidade e a partir dessa fase a competição poderá estar presente, mas mesmo assim o professor deve estar sempre realizando as adaptações compatíveis com as opções de seu aluno, pois é para suas necessidades que a organização das atividades devem estar voltadas. Por isso, de acordo com o autor, as regras podem ser modificadas, respeitando as características da faixa etária, priorizando o momento educativo da criança.

Concluindo, Paes (1997, p.88) afirma que tanto o jogo como a competição podem estar presentes no processo formativo de uma criança, “desde que aplicadas no momento adequado e por profissionais competentes, respeitando acima de tudo a criança e sua individualidade. O jogo e a competição são elementos do esporte que, por sua vez, é conteúdo da Educação Física.”

Lembramos que a iniciação, como o próprio nome diz, implica em iniciar um aluno na aprendizagem de um esporte e não em treiná-lo para formar um atleta. Portanto, as prioridades, já discutidas, devem ser respeitadas.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversas metodologias de ensino do voleibol são propostas por diversos autores, o que é normal e já era esperado, visto que não existe um único meio correto e acabado para realizar um trabalho de ensino-aprendizado de qualquer esporte. Entretanto, é preciso tomar muito cuidado com a forma com que esse ensino é feito, pois, como vimos, existem fases no desenvolvimento do ser humano e elas devem ser respeitadas.

A partir de nosso estudo podemos afirmar que muitos autores não se preocupam em respeitar essas fases, pois têm o objetivo único de formar atletas de voleibol e isso deve ser feito o mais rápido possível.

É claro que, se tratando de iniciação em voleibol, a metodologia pode ser a mesma para escolas de esporte e para educação física escolar, tanto que a maioria dos livros pesquisados dirige-se a ambas. Portanto, poderíamos ter feitos um estudo amplo, que abrangesse as duas instituições de ensino ao invés de diferenciá-las. Porém, optamos por discuti-las separadamente, já que seus objetivos são diferentes.

De acordo com Paes (1996, p.145), “é preciso ter claro, porém, que o objetivo da iniciação esportiva na escola deverá ser o de instrumentalizar o aluno para que, como cidadão, possa utilizar esse conhecimento na melhoria de sua qualidade de vida”.

A nosso ver, a metodologia proposta por Borsari e Silva (1972) não é adequada para ser aplicada na educação física escolar, como os autores propõem, pois os exercícios são tecnicistas, sem ludicidade e, na nossa concepção, não despertariam o interesse nas crianças. Além de trabalhar apenas um conteúdo durante todo o ano letivo. Os autores prevêm um mínimo de 3 aulas semanais, o que geralmente não acontece dentro das escolas (o que vemos atualmente é de 1 a 2 aulas semanais de Educação Física), mas pode acontecer em escolas de esportes.

Como foi discutido, a Educação Física escolar, se volta para todos os alunos, quer eles se interessem pela modalidade, quer não. Afinal, eles estão na escola e a educação física faz parte do currículo. Por isso, muitos alunos podem freqüentar as aulas porque são obrigados e não por se identificarem com uma ou outra modalidade. Portanto, a nosso ver, o objetivo maior do ensino do voleibol nesse ambiente é fazer com que os alunos se interessem, peguem gosto

pelo esporte. O professor dessa instituição tem o papel de fazer despertar no aluno o prazer da prática esportiva, para que eles sintam vontade de praticá-lo mesmo fora dali e por toda sua vida. Do mesmo modo, o professor deve estar ciente de que seu papel não é formar atletas, não é fazer com que os movimentos sejam perfeitamente corretos, mas sim, proporcionar a vivência, para que ela se prolongue quando os alunos se formarem. O que pode acontecer, é que alunos se identifiquem com a modalidade e queiram praticá-la de forma mais séria e então, nesse caso, a função do professor é indicar uma escolinha de voleibol e incentivá-lo a se aprofundar no esporte.

Não se pode esquecer que a iniciação do voleibol, mesmo na escola, envolve o ensino de fundamentos específicos do voleibol, portanto é preciso conciliar os dois aspectos: a simples vivência e prazer em praticar o esporte e o ensino do voleibol, com todas as suas características. Pretendemos que esse ensino não ocorra através de uma prática esportivizada, mas sim de uma maneira pedagógica. A melhor maneira de se fazer isso é ensinar através de jogos e brincadeiras, respeitando as fases do desenvolvimento e só quando a criança estiver preparada deve-se introduzir as técnicas e fundamentos de forma mais específica.

Observamos que a literatura concentra-se principalmente na dimensão procedimental, preocupando-se com o saber fazer. Percebemos, através das respostas dos professores citados no trabalho de Rosa (1995), que hoje a Educação Física escolar não tem sido desenvolvida da maneira que parece ser adequada. Atualmente, os professores têm adotado treinamentos utilizados nas equipes de alto nível como forma de ensino-aprendizado dentro das escolas. E a tendência de imitar os treinos das grandes equipes é cada vez maior. A Educação Física tem perdido um pouco do seu sentido original. Muitos alunos, inclusive, vêem as aulas de educação física como um tempo de descanso da sala de aula, um tempo pra se distrair, porque na verdade eles não sentem que estão aprendendo alguma coisa, eles só estão praticando alguma atividade de lazer. Esses pensamentos precisam ser modificados, e isso depende muito da aula do professor, da maneira como ele ensina e do que ele acredita. Enquanto o próprio professor não acreditar no sentido pedagógico e educativo de suas aulas, ele não vai conseguir ensinar nada para seu aluno.

Ao desenvolver o voleibol nas aulas de Educação Física escolar, o professor deve direcionar o trabalho para que o aluno além de aprender a realizar os movimentos específicos da modalidade esportiva, tenha condições de ter uma compreensão histórica, das alterações e evoluções, de compreensão dos sistemas de jogos que envolvem o voleibol, etc. Ele

deve utilizar esta modalidade como instrumento para estimular a reflexão sobre suas ações e atitudes diante de seus colegas, estendendo-se para o relacionamento social do aluno fora do ambiente escolar. Defendemos uma Educação Física escolar que esteja preocupada em oferecer as mesmas possibilidades para todos, independentemente de diferenças de sexo, altura, peso, ou níveis de habilidades motoras.

Em relação à escola de esportes, percebemos ainda mais claramente a necessidade e o objetivo de se formar atletas, o que é compreensível, visto que é uma instituição freqüentada por pessoas que se identificam com o esporte e que possivelmente pensam em um futuro esportivo além da simples vivência da modalidade. Porém, decidimos discutir sobre o assunto, porque percebemos um grande equívoco na maneira como os professores, os alunos e os pais dos alunos têm encarado o processo de ensino dentro dessas instituições, que tem sido uma prática esportivizada, que de acordo com Paes (1996, p.143) “apresenta-se como uma atividade inócua, sem nenhuma preocupação com a formação do aluno”.

Como a escola de vôlei é voltada somente para o ensino dessa modalidade, não há a necessidade de se preocupar em desenvolver os demais conteúdos da educação física, porém ela precisa dar uma base motora para seus alunos, de modo que eles possam utilizar a bagagem motora desenvolvida em qualquer prática esportiva que eles forem realizar. Por isso que acreditamos que, além dos fundamentos e técnicas específicas, devem ser desenvolvidas atividades mais abrangentes, que envolvam todas as habilidades possíveis, respeitando sempre as fases de desenvolvimento das crianças.

Constatamos que muitos livros tratam a iniciação esportiva de forma tecnicista, utilizando exercícios analíticos, sem considerar o lúdico, sem levar em conta que os alunos são crianças. Eles utilizam treinamentos usados por equipes profissionais e ainda trazem periodizações prontas para professores seguirem, sem considerar as especificidades, as individualidades de cada atleta e de cada equipe.

Compartilhamos com a idéia de Paes (1996) sobre a priorização dos momentos educativos da criança, pois entendemos que o jogo de voleibol competitivo deve estar presente no último estágio da aprendizagem, depois que todos os alunos perceberem o prazer de simplesmente jogar voleibol. Ao iniciar o ensino do voleibol acreditamos, como já foi dito, que deveriam ser utilizados jogos cooperativos, podendo inclusive ser introduzidas algumas situações do voleibol, para familiarizar as crianças. Na fase em que se introduz a competição, esta deve ser

trabalhada inicialmente através de alguns jogos, como jogos de estafeta, queimada, jogos pré-desportivos, para que sejam trabalhados os valores já citados anteriormente. E, posteriormente o jogo de voleibol, propriamente dito, deve ser trabalhado de forma competitiva.

É preciso lembrar que estamos falando sobre a *iniciação* ao voleibol, e não treinamento de voleibol. E o que temos visto é que nessas instituições, a especialização esportiva ocorre no primeiro momento do processo de ensino do esporte. A iniciação na escolinha, assim como na escola formal, deve ser realizada a partir de jogos, de brincadeiras, de atividades mais prazerosas às crianças, senão elas podem sentir-se desmotivadas e desistirem de aprender a modalidade e inclusive de praticá-la na escola ou em outros lugares.

Acreditamos que, as maneiras de interpretar a competição e o processo de ensino-aprendizagem são diferentes entre a Educação Física Escolar e a escolinha de esportes, pois quem está na escolinha de esporte já se identifica com a modalidade e tem a intenção de aprender as habilidades específicas para participar de competições, enquanto quem está na escola formal não tem interesses específicos relacionados aquele esporte, nem à competição.

Por se tratar de ambientes educacionais distintos, apesar de ter o objetivo comum de ensinar o voleibol, as aulas na escola formal devem ser encaradas de maneiras diferentes das aulas nas instituições esportivas. A metodologia de ensino pode ser também semelhante, visto que se trata do ensino de uma mesma modalidade, porém, como os objetivos são diferentes, o professor deve estar bem preparado, deve conhecer os princípios educacionais, as fases de desenvolvimento da criança, para poder adaptar suas aulas, respeitando sempre as necessidades de seus alunos. O professor não deve utilizar de planejamentos prontos, nem copiar treinos de equipes profissionais.

Sentimos que a necessidade de livros e estudos voltados para essa questão tratada nesse trabalho será dificilmente suprida, visto que quando se trata do ensino do voleibol, a maioria dos especialistas sobre o assunto encara da mesma maneira, visando à apreensão das habilidades e técnicas específicas.

Estudos que poderiam também ser desenvolvidos referentes a essa questão seria sobre as diferentes fases do desenvolvimento das crianças como forma de conscientização dos professores para essa questão, para que ao trabalhar com a iniciação de um esporte, eles estejam preparados e conscientes de que existem muitos aspectos a serem considerados além da pura e simples aprendizagem de movimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, J. J. **O Voleibol na Escola**. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

BORSARI, J. R., SILVA, J. B. **Volibol: Fundamentos- Aulas- Circuitos**. São Paulo: São Paulo Editora S.A., 1972.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola – Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2003.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro – Teoria e Prática da Educação Física**. Ed. Scipione: São Paulo, 1994.

GALLAHUE, D. L., OZMUN, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte Editora, 2003.

GRECO, P. J., BENDA, R. N. **Iniciação Esportiva Universal**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

LE BOULCH, J. **Introdução à Psicocinética**. Paris: Editions Sotiales Françaises, 1976.

MACEDO, N. D. de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. - 2. ed. Revista – São Paulo: Edições Loyola, 1994.

PAES, R. R. **Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. 1996. 198f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

_____. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PICCOLO, V. L. N. **Pedagogia dos esportes**. Campinas, SP: Papyrus, 1999. – (Coleção Corpo & Motricidade)

_____ **Educação Física Escolar: Ser...ou não ter?** – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

ROSA, R. M. **Iniciação ao Voleibol: basta gostar para jogar.** 1995. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

SANTIN, S.. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

SCAGLIA, A. J. Escolinha de futebol: uma questão pedagógica. **Motriz Revista de Educação Física**, UNESP, Rio Claro, v.2, n.1, junho/1996. Disponível em: < http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1_REL07.pdf > Acesso em: 12 out. 2007.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

SUVOROV, Y. P., GRISHIN, O. N. **Voleibol: iniciação** Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

TANI, G. **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista.** São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

TEODORESCU, L. **Problemas de Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos.** Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

WEINECK, J. **Biologia do Esporte.** São Paulo: Manoele, 1991.

SITE OFICIAL DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. Disponível em: <www.volei.org.br/newcbv/institucional/historia.asp?pag=h-voleibol > Acesso em: Julho/2007.